INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

As Fábricas de Conserva de Peixe em Setúbal durante a II Guerra Mundial

Tiago Alexandre Pinto do Sacramento

Mestrado em História Moderna e Contemporânea

Orientadora:

Doutora Maria João Vaz, Professora Associada

Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Fevereiro, 2026

SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de História

As Fábricas de Conserva de Peixe em Setúbal durante a II Guerra Mundial

Tiago Alexandre Pinto do Sacramento

Mestrado em História Moderna e Contemporânea

Orientadora:

Doutora Maria João Vaz, Professora Associada

Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Fevereiro, 2026

Agradecimentos.

Eu gostaria de agradecer a todas as instituições que colaboraram comigo, desde a Biblioteca Nacional de Portugal, passando pelo Arquivo Distrital de Setúbal, pelo Arquivo dos Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra (situado no Barreiro), pela Biblioteca Municipal de Setúbal e o Museu do Trabalho Michel Giacometti, em Setúbal.

Esta Dissertação de Mestrado aborda uma fase muito importante da História da Região de Setúbal, que foi a adaptação da Indústria Conserveira Setubalense (a atividade industrial mais antiga nesta Região) à II Guerra Mundial, tendo em conta os constrangimentos provocados por este conflito, dada a posição neutral do nosso país, assim como as oportunidades criadas, em parte devido à maior procura de alimentos enlatados, que permitiam aos soldados em combate e aos prisioneiros de guerra uma forma rápida, segura e higiénica de se alimentarem.

Para além das entidades que cooperaram comigo, agradeço o esforço concedido pela Professora Doutora Maria João Vaz, pelo incansável apoio como Docente Orientadora, ao longo de toda a elaboração desta Dissertação. Sem a sua orientação, seria quase impossível realizar esta Tese de Mestrado.

Esta Dissertação é também uma homenagem a um membro da minha família, que infelizmente já não se encontra entre nós: a irmã do meu avô paterno, que trabalhou na Fábrica “Regina” da Firma J. Antunes Fragoso, Lda. (situada na Rua da Saúde) durante décadas, sendo uma das últimas fábricas a encerrar portas, em 1995, e uma das indústrias que mais tempo laborou continuamente.

Por conseguinte, é possível verificar, por meio da minha tia-avó paterna, que praticamente todos os setubalenses tiveram um ou mais membros das suas famílias a laborar na Indústria Conserveira Setubalense, o que demonstra a importância das fábricas conserveiras na economia e no dia a dia da sociedade desta Região, durante os conturbados anos da II Guerra Mundial.

Resumo

As conservas de peixe portuguesas desempenharam um papel importante no abastecimento das unidades militares em combate durante a Segunda Guerra Mundial. Para além disso, tornaram-se o principal produto de exportação luso, durante esse conflito. A afirmação de não beligerância por parte de Portugal e a evolução da sua posição permitiu que fosse estabelecendo relações comerciais com os diferentes países beligerantes.

Este trabalho foca-se na importância da produção da indústria conserveira setubalense nas exportações portuguesas e na relação de Portugal com os vários países em guerra, assim como com as dificuldades que as fábricas de conserva tiveram no fornecimento e envio de matérias-primas. Usando documentação da época e estudos realizados posteriormente, pretende-se estudar as alterações que este evento histórico, a Segunda Guerra Mundial, teve no tecido industrial sadino, em particular na indústria de conservas de sardinha, e na população em geral desta cidade, especialmente nos trabalhadores envolvidos na produção conserveira.

Palavras-chave: Indústria Conserveira, Setúbal, Conservas de Peixe, II Guerra Mundial; Comércio Externo.

Abstract

Portuguese canned fish played an important role in supplying military units in combat during the Second World War. In addition, it became Portugal's main export product during that conflict. Portugal's declaration of non-belligerence and the evolution of its position allowed it to establish trade relations with the various belligerent countries.

This work focuses on the importance of Setúbal's canning industry in Portuguese exports and Portugal's relationship with the various countries involved in the war, as well as the difficulties that canning factories faced in supplying and shipping raw materials. Using documentation from the period and studies carried out subsequently, the aim of this dissertation is to study the changes that this historical event, the Second World War, had on the industrial fabric of Setúbal, in particular on the sardine canning industry, and on the general population of this city, especially the workers involved in canning production.

Keywords: Canning Industry, Setúbal, Fish Canning, World War II, Foreign Trade.

Índice

Agradecimentos

Resumo / Abstract

Índice

Introdução 1

Tema 1

Problemática e questões de investigação 3

Estado da Arte 3

Objetivos 6

Fontes e a Metodologia 6

Apresentação da dissertação 8

Capítulo 1 – Setúbal nos anos 1930

1.1 – Caracterização de Setúbal: o território e a população 10

1.2 – Economia, Trabalho e Sociedade: atividades produtivas em Setúbal 12

1.3 – A Imprensa: os jornais sindicalistas 18

Capítulo 2 – A Indústria Conserveira

2.1 – A instalação da indústria conserveira de peixe em Setúbal 22

2.2 – A indústria conserveira de peixe em Setúbal nos anos 1930 33

2.3 – Proprietários e trabalhadores da indústria conserveira 38

2.4 – As dificuldades da indústria conserveira nos anos 1930 43

Capítulo 3 – Indústria Conserveira de Setúbal no Contexto Internacional

3.1 – As exportações nos anos 1930 e no contexto da II Guerra Mundial 50

3.2 – Setúbal perante a Segunda Guerra Mundial - imagens da guerra 72

Conclusão 74

Fontes e Bibliografia **77**

Anexos 81

Introdução

Tema

O tema em análise nesta dissertação remete para um dos piores períodos da História da Humanidade, a Segunda Guerra Mundial. Nessa altura, a cidade de Setúbal possuía uma indústria conserveira focada nos produtos provenientes da pesca no mar que constituía uma das principais atividades da população sadina. Com esta Dissertação de Mestrado, tenta-se compreender a importância desta indústria no comércio externo português. Trata-se de uma indústria que se instalou na região ainda em meados do século XIX, por volta de 1855, e que, aproveitando a declaração de não beligerância por parte do governo português por ocasião da II Guerra Mundial, desenvolveu uma atividade de exportação de conservas de peixe para os vários países beligerantes, nomeadamente o Reino Unido, a Alemanha Nazi, a Itália fascista, a França e os Estados Unidos da América.

Nos anos 1930, Setúbal tinha um muito reduzido desenvolvimento industrial. Grande parte da população trabalhava ainda no setor primário, em especial nas pescas, que recorria sobretudo à mão de obra masculina. Por outro lado, na atividade industrial, a maioria da força de trabalho das fábricas conserveira era do sexo feminino. Assim, os homens trabalhavam nos barcos de pesca e as mulheres que desenvolviam uma atividade fora de casa estavam empregadas nas várias fábricas de produção de conserva de víveres marítimos.

Apesar de ser sede de Governo-Civil desde 1926, quando foi criado o Distrito de Setúbal, o mais recente em Portugal, elevada à categoria de cidade desde 1861 e sede de concelho há vários séculos, a cidade de Setúbal sofria de graves falhas em termos de infraestruturas, principalmente sanitárias. Muitos bairros, na zona oeste da urbe, perto da Fortaleza de São Filipe (Viso, Casal das Figueiras e Olhos de Água) eram clandestinos e insalubres, sem saneamento básico e água potável para as habitações, sendo essencialmente constituídos por residências precárias, com as "casas" feitas, com chapas de aço e restos da indústria conserveira.

A consolidação política e socioeconómica do regime ditatorial do Estado Novo, ao longo da década de 1930, com a implementação de organização económica de base corporativista, seguindo os ideais de António de Oliveira Salazar, levaram à deterioração da situação já difícil da indústria conserveira setubalense. Aliás, esta foi a única década, desde que começaram a ser feitos recenseamentos demográficos modernos em Portugal,

em meados do século XIX, em que a população do concelho diminuiu, o que reflete o agravar das condições sociais e económicas na região.

É importante não esquecer o contexto internacional da época. A ascensão de regimes autoritários e até totalitários no Continente Europeu ajudaram ao estabelecimento do regime salazarista e ao aumento da instabilidade económica e comercial, perante o receio cada vez maior do deflagrar de um novo conflito mundial, algo que infelizmente veio a acontecer.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, o comércio mundial sofreu fortes disrupções, devido aos ataques dos submarinos aos navios comerciais, incluindo de nações neutrais, e a destruição de infraestruturas, em especial dos portos de vários países beligerantes, o que dificultava o transporte das conservas de Portugal, que se manteve neutral durante toda a guerra, para o estrangeiro.

Em contrapartida, a necessidade de alimentar de forma rápida soldados na frente de combate e prisioneiros de guerra fez com que a procura mundial de conservas alimentares se expandisse, o que ajudou ligeiramente as fábricas conserveiras de Setúbal.

Porém, como Portugal não participou no conflito, ao contrário do que tinha acontecido na Primeira Guerra Mundial, a capacidade de obter "folha-de-flandres" (aço com baixa percentagem de carbono e possuindo estanho, para proteger o material da corrosão), material fundamental para fazer as latas de conserva de peixe, foi reduzida, o que causou transtornos na produção.

Em suma, a escolha deste tema está relacionada com o meu gosto pessoal pela Segunda Guerra Mundial, não pelo fato de apreciar tragédias humanas, mas devido às implicações geopolíticas e socioeconómicas que este conflito teve e que ainda hoje, passados 80 anos após o cessar das armas, continuam a moldar o nosso Mundo.

Muito do que acontece atualmente, desde as várias guerras no Médio Oriente, no Continente Africano, Asiático e até o conflito na Ucrânia, têm raízes nesta terrível guerra mundial.

Outros aspetos pessoais têm a ver com o facto de Setúbal ser a minha cidade natal e parte da minha família ter trabalhado numa das várias fábricas de conservas então aqui existentes. Pretendia saber o impacto que a minha terra sofreu, num contexto histórico tão difícil para a Humanidade.

Problemática e as Questões de Investigação

Sendo Setúbal um dos principais centros de produção de conserva de peixe em Portugal, durante a Segunda Guerra Mundial, a questão em análise nesta dissertação é conhecer a evolução da produção, oriunda das fábricas conserveiras de Setúbal e a sua presença nas exportações de Portugal durante a Segunda Guerra Mundial. Procuramos também saber quais os principais países de exportação das conservas de peixe de Setúbal,

Através desta Dissertação de Mestrado, pretende-se averiguar quão influentes foram estas indústrias no comércio externo que Portugal mantinha com os vários países beligerantes, quer fossem os Aliados ou da Força do Eixo, apesar de se manter neutral durante todo o conflito. Esta dissertação procura também conhecer quais eram as condições de vida dos trabalhadores conserveiros durante este período histórico e as dificuldades e colocadas na exportação do produto, as conservas de peixe, para o estrangeiro, tendo em conta que o Oceano Atlântico era alvo de constantes ataques de submarinos, principalmente alemães, que afundavam navios comerciais, mesmo de nações neutrais que não participavam diretamente na guerra, o que criava fortes disrupções nas rotas comerciais.

Enfim, tenta-se verificar quanto a produção de conservas de peixe aumentou ou diminui, durante a contenda bélica mundial e se as políticas económicas corporativistas do presidente do Conselho de Ministros (equivalente ao atual cargo de primeiro-ministro), António de Oliveira Salazar, iniciadas na década de 1930, influenciaram a manufatura das conservas e os contactos com os vários portos de exportação, tanto no Continente Europeu como no Americano.

Estado da Arte

A cidade de Setúbal, desde meados do século XIX até ao final do século XX, possuiu um número considerável de fábricas de conserva de peixe e de outros produtos alimentares. Durante muitas décadas, estas foram a principal indústria existente na região, exportando para vários países do Mundo. No artigo «Portugal na Segunda Guerra Mundial: neutralidade e comércio estratégico de conservas de peixe, 1939-1945», da autoria de Francisco Henriques, evidencia-se que as conservas de peixe portuguesas foram o principal produto de exportação durante todo o período relativo à Segunda Guerra Mundial, sendo relevantes no contexto da política de neutralidade que Portugal assumiu perante este conflito mundial. No artigo, também é possível conhecer as dificuldades que o Estado português teve para que as fábricas mantivessem uma produção regular, sendo

obrigado a obter garantias de fornecimento e distribuição das matérias-primas, assim como a assinar contratos exclusivos para a venda dos produtos. Ao usar a documentação disponível no Instituto Português de Conservas de Peixe, o autor demonstra como a guerra acabou por levar a uma maior sistematização económica por parte do regime salazarista[1].

Outro documento importante para entender a relevância da produção conserveira de Setúbal, é a palestra de Guilherme Faria, proferida na Câmara Municipal de Setúbal, no dia 30 de novembro de 1949, no contexto do Ciclo de Conferências de Carácter Económico-Regional, promovido pelo Grémio do Comércio de Setúbal intitulada «Setúbal e a Indústria de Conservas». Esta palestra, que foi divulgada também por escrito, foi feita poucos anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, mais precisamente quatro anos após o seu término[2]. Nela demonstra-se o desenvolvimento da indústria conserveira portuguesa e setubalense desde o seu início, no século XIX, até 1948, referindo-se igualmente o crescimento da população da cidade de Setúbal ao longo deste período histórico. Também aqui se analisa o movimento das exportações provenientes de Setúbal, comparando-as com o total nacional de exportações, entre o início do século XX e 1948.

De acordo com a informação deste artigo, podemos confirmar que a produção relacionada com a indústria conserveira aumentou ligeiramente ao longo do período da guerra, mas com valores (em tonelagem) menores aos registados na década de 1920. Nos anos 1940, a quantidade de conservas produzidas na região de Setúbal, em comparação com a produção nacional de conservas, era pouco mais do que a metade da produção registada nos anos 1920. Assim, fica evidenciado que a indústria conserveira setubalense foi mais importante e teve mais peso nas exportações portuguesas de conservas de peixe no início do século XX, incluindo o período relativo à Primeira Guerra Mundial, do que no período de 1939-1945, anos do segundo conflito mundial.

Neste documento publicado em 1950, cinco anos após a fim da Segunda Guerra Mundial, é referido que a partir da década de 1930, começaram a notar-se dificuldades na indústria conserveira sadina, resultado das dificuldades na exportação dos produtos para os mercados estrangeiros. A falta de investimento na aquisição de novos procedimentos e equipamentos tecnológicos e a desorganização evidente na estrutura de produção, resultaram na redução da quantidade de conserva produzida. Apesar de nos primeiros

[1] Henriques, Francisco (2023*).* "Portugal na Segunda Guerra Mundial: neutralidade e comércio estratégico de conservas de peixe, 1939-1945". *Ler História*, 82, pp. 239-261.
[2] Faria, Guilherme (1950), *Setúbal e a Indústria de Conserva,* Setúbal: Tip. Orfanato Municipal.

anos da década de 1930, a produção setubalense de conservas corresponder a 41,6% do total da quantidade de conservas de peixe que eram exportadas a partir de Portugal, com uma média anual de 16 mil toneladas, nos anos seguintes, entre 1936 e 1940, a quantidade de conservas provenientes das fábricas de Setúbal destinada à exportação diminuiu acentuadamente, passando a representar apenas 21,9% do total da tonelagem de conservas portuguesas exportadas, com uma média anual de 9117 toneladas[3] .

O eclodir da Segunda Guerra Mundial vai fazer com que o governo de António de Oliveira Salazar seja forçado a encontrar estratégias novas para defender os interesses comerciais e geoestratégicos de Portugal, em especial da indústria conserveira. Outro estudo mais aprofundado de Francisco Henriques, intitulado *Indústria, Comércio e Intervenção Pública. As conservas de Peixe no Estado Novo (1927- 1972)* [4], afirma que a invasão de França, no verão de 1940, assim como a entrada do Reino de Itália no conflito, alteraram o equilíbrio de forças, obrigando a Salazar a desenvolver uma "neutralidade geométrica", de forma a evitar a entrada de Espanha na guerra e manter o território da Península Ibérica fora da contenda. Perante isto, começou a estimular contratos económicos com a Alemanha Nazi, que resolvia não só o *déficit* comercial com a Alemanha, como também desincentivava Hitler a pretender invadir ou ocupar Portugal ou os Açores. Por volta de março de 1941, a Alemanha pediu a Portugal a exportação de conserva de sardinha portuguesa, na cifra dos 20 milhões de marcos, a qual o Governo português rejeitou, porque iria comprometer o bloqueio comercial imposto pelo Reino Unido, para além de que a indústria conserveira lusa não possuía essa capacidade de produção.

Neste "xadrez" diplomático, Salazar recebia ameaças britânicas de cancelamento da venda de folha-de-flandres, importantíssima para o fabrico das latas de conserva, com o III Reich alemão a apresentar propostas de venda de folha-de-flandres, sob a condição de não seriam vendidas mais conservas aos Aliados, o que mostra a complexidade das relações portuguesas com os diferentes beligerantes, na tentativa de salvaguardar a neutralidade do nosso país.

---

[3] Faria, Guilherme (1950), *Setúbal e a Indústria de Conserva,* Setúbal: Tip. Orfanato Municipal, p. 24.
[4] Henriques, Francisco (2022), *Indústria, Comércio e Intervenção Pública. As conservas de Peixe no Estado Novo (1927- 1972),*Tese de Doutoramento, PROGRAMA INTERUNIVERSITÁRIO DE DOUTORAMENTO EM HISTÓRIA: mudança e continuidade num mundo global - Universidade de Lisboa, Iscte-Instituto Universitário de Lisboa, Universidade Católica Portuguesa e Universidade de Évora, p. 115.

Objetivos

Com esta Dissertação, há a intenção de estudar a forma como as fábricas de conserva de peixe da cidade de Setúbal se adaptaram num dos períodos mais negros da História da Humanidade, a Segunda Guerra Mundial, que influenciou a História Mundial para sempre.

Outro objetivo é averiguar se as indústrias conseguiram ampliar o seu mercado de exportação, pois a necessidade de alimentar soldados de forma rápida era grande, incluindo prisioneiros de guerra, dado o facto de que as conservas de peixe providenciavam aos militares as necessárias quantidades de proteínas, minerais e vitaminas e que podia ser consumida sem serem cozinhadas ou aquecidas.

Usando a história local, esta dissertação de Mestrado tenta perceber se a indústria conserveira de Setúbal aumentou ou diminuiu, em termos da tonelagem de peixe que era exportado, e se foi importante para a conservação da neutralidade do nosso país durante a Segunda Guerra Mundial.

Sendo um dos mais antigos centros de produção de conserva de peixe em Portugal, Setúbal era importante, dada a relativa proximidade geográfica com a capital, Lisboa, da qual dista cerca de 45 quilómetros, e existência das ricas reservas de peixe, sardinha, carapau e cavala, ao largo da Península de Troia e da Serra da Arrábida, que fazia desta região uma das mais prósperas em termos de pescado.

Contudo, era evidente que as condições de trabalho nas fábricas, para os operários e operárias, eram terríveis, com o risco de ocorrência de constantes acidentes de trabalho, principalmente quando o proprietário não tinha verbas para pagar as dívidas e os ordenados aos trabalhadores.

Fontes e a Metodologia

As fontes usadas nesta dissertação foram os registos do Arquivo dos Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra, o Fundo Almeida Carvalho do Arquivo Distrital de Setúbal, o Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro, integrado na Casa Bocage, sob tutela e cuidado da Câmara Municipal de Setúbal e o acervo do Museu do Trabalho Michel Giacometti, também em Setúbal

Para além desses registos arquivísticos, foram utilizados estudos da época, como o do o artigo do doutor Guilherme Faria, intitulado *"*Setúbal e a Indústria de Conserva…*"*

de 1949[5]. Foram analisados, na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, os periódicos *A Indústria*, jornal dos empresários conserveiros, durante os anos 1930 e os anos 1940, em particular durante os anos da Segunda Guerra Mundial. Na Biblioteca Municipal de Setúbal, foi visionado e fotografado o jornal regional *O Setubalense* (que ainda está em circulação), para os anos entre 1938 e 1945.

Desta forma, usando informação e registos de arquivo disponíveis em museus regionais e nacionais, como o Museu do Trabalho Michel Giacometti, a Biblioteca Municipal de Setúbal e a Biblioteca Nacional de Portugal, tentei obter a melhor análise histórica sobre as condições e dificuldades das fábricas de conserva de peixe de Setúbal, em estabelecer transações comerciais com os mais variados portos da Europa e do Continente Americano, muitos dos quais se situavam em territórios administrados pelas principais potências beligerantes deste conflito, a Segunda Guerra Mundial.

O cruzamento de dados e a crítica das fontes foram fundamentais para obter a investigação mais imparcial possível, procurando com esta Dissertação de Mestrado, espelhar a relevância da indústria conserveira setubalense na produção mundial de conserva de peixe, ao longo de toda a guerra e averiguar quantos e quais eram os portos e países que recebiam mais tonelagem de latas de conserva provenientes da cidade de Setúbal.

Também foram usados estudos e obras sobre a indústria conserveira, entre os quais *Setúbal sob o Estado Novo – A Resistência a Salazar (1933-1949)*, vol. I, de Albérico Afonso Costa Alho[6], mais relacionado com o contexto político e a resistência ao Estado Novo, e o livro que retrata a história do periódico regional com mais anos de publicação, *O Setubalense*, sendo o título da obra *Setúbal no Centro do Mundo – 165 anos do jornal O Setubalense*[7].

Para além disso, foram utilizados estudos de carácter académico, como a já referida investigação de Francisco Henriques, intitulada "Portugal na Segunda Guerra Mundial:

[5] Faria, Guilherme (1950), *Setúbal e a Indústria de Conserva,* Setúbal: Tip. Orfanato Municipal.
[6] Alho, Albérico Afonso Costa (2021). *Setúbal sob o Estado Novo*. Vol. 1, *A resistência a Salazar, 1933-1949*. Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal.
[7] Alho, Albérico Afonso Costa, coord. (2020). *Setúbal no centro do mundo: 165 anos do jornal O Setubalense*. Setúbal: Primeira Hora.

neutralidade e comércio estratégico de conservas de peixe, 1939-1945", publicado em 2023[8].

Apresentação da dissertação.

Esta dissertação de Mestrado apresenta-se como uma análise histórica crítica sobre um tema muito importante para a História da cidade de Setúbal, a indústria conserveira durante a Segunda Guerra Mundial. Ao longo de 140 anos, entre 1855 e 1995, as fábricas conserveiras empregaram milhares de trabalhadores e trabalhadoras, tornando-se uma das principais atividades económicas desta cidade, para além da pesca, da qual esta indústria estava totalmente dependente, pois o peixe era a sua principal matéria-prima.

No primeiro capítulo, analisa-se as características demográficas e socioeconómicas da Região de Setúbal, durante os anos 30, quando o regime de António de Oliveira Salazar, o Estado Novo, se consolidou. Ao longo deste capítulo é analisada a população residente e o desenvolvimento industrial da região, durante aquele decénio, no qual ocorre um decréscimo populacional. Procura-se tecer uma caracterização da indústria, sendo abordadas as principais indústrias existentes, incluindo noutros setores industriais, como fabrico de cimento pela SECIL e a produção de adubos fosfatados para a agricultura, por parte da SAPEC.

No segundo capítulo, o foco da investigação é o funcionamento da indústria conserveira, durante os anos da Segunda Guerra Mundial, iniciando-se com uma breve história da instalação da indústria conserveira setubalense, em meados do século XIX e o seu desenvolvimento, durante o início do século XX. No decurso desta parte da dissertação, tenta-se perceber como os proprietários geriam as fábricas, em período de guerra, para além de descrever as terríveis condições de trabalho dos operários. Por fim, enfatiza-se as dificuldades enfrentadas pela indústria conserveira, durante este período histórico.

No terceiro e último capítulo é efetuado um enquadramento das consequências para a sociedade que o último grande conflito global teve na Região de Setúbal, dentro do contexto da época.

[8] Henriques, Francisco (2023), "Portugal na Segunda Guerra Mundial: neutralidade e comércio estratégico de conservas de peixe, 1939-1945". *Ler História*, n.º 82.

Em conclusão, a Segunda Guerra Mundial foi um período histórico complicado, quer para as fábricas conserveiras, quer para a cidade de Setúbal, pois a posição de Portugal como país não beligerante não permitiu o mesmo crescimento que ocorreu durante a Primeira Guerra Mundial onde, a partir de 1916, os soldados portugueses começaram a ser enviados para as trincheiras, no Norte de França e no Sul da Bélgica, iniciando a participação do país no conflito, ao lado dos Aliados, com o envio do CEP (Corpo Expedicionário Português). Esta fase (entre 1916 e 1929) é vista como a "era dourada" da indústria conserveira em Setúbal.

O deflagrar de uma nova guerra mundial criou oportunidades, mas também obstáculos. A procura mundial por conservas de peixe aumentou, mas as disrupções provocadas pelos ataques dos submarinos alemães e aliados aos navios mercantes, de parte a parte, mais a continuidade da posição de Portugal como país não beligerante, até o fim da guerra, fazem com que um potencial grande crescimento de produção não tenha expressão. Os registos fotográficos, principalmente da autoria do fotógrafo Américo Ribeiro, setubalense de nascença, vão ser importantes para retratar visualmente este período histórico.

Capítulo 1 - Setúbal nos anos 30

1.1- Caracterização de Setúbal: o território e a população

No período histórico da Segunda Guerra Mundial, o território do concelho de Setúbal tinha uma área de 230 quilómetros quadrados, área que atualmente mantém, com a cidade situada a cerca de 40 quilómetros da capital de Portugal, Lisboa.

A existência de um grande estuário, como o estuário do Rio Sado, permitia o desenvolvimento de uma vasta diversidade de espécimes de peixes e invertebrados marítimos e aquáticos, em especial o choco-comum europeu (nome científico *Sepia officinalis*). Aliado a isso, a ligação do estuário ao Oceano Atlântico possibilitava aos pescadores o acesso a grandes cardumes de sardinha (nome científico *Sardinops sagax*) e de carapau ou "chicharro" (nome científico *Trachurus trachurus*), ao longo da costa, entre o Cabo Espichel e Sines.

Desta forma, os pescadores podiam obter pescado, quer no alto mar, quer no estuário do rio, o que revela a enorme biodiversidade marinha, que levou à criação da indústria conserveira, em meados do século XIX, quando investidores franceses e alguns portugueses começaram a construir as primeiras fábricas de conserva de peixe em Portugal, dada a presença de grandes cardumes de sardinha e carapau, ao largo da Península de Troia.

Em termos demográficos, segundo os *Recenseamentos Gerais da População Portuguesa* de 1930 e de 1940[9], a população de Setúbal decresceu em 691 habitantes (uma redução de 1,4%) durante estes 10 anos, pois o censo de 1930 contabilizava 50 456 pessoas em Setúbal, enquanto o Censo de 1940 assinalava a existência de 49 765 habitantes, contrariando a tendência das anteriores décadas do século XX onde o crescimento do número de habitantes tinha sido a norma.

Por sua vez, a redução demográfica tinha-se verificado na população mais jovem, com a faixa etária até aos 14 anos a passar de 16 091 crianças, nos censos de 1930, para 15 153, em 1940, e também na faixa etária entre os 15 e os 24 anos, com Setúbal a possuir

[9]https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=72364315&PUBLICACOESmodo=2.

10 003 jovens nos censos de 1930 e apenas 9 293 dez anos depois. Isto, certamente, evidencia a considerável deterioração das condições de vida durante a década de 1930, com a taxa de mortalidade infantil na região a aumentar, diminuindo o número de crianças e jovens e uma possível saída de efetivos populacionais mais jovens, que procurariam desenvolver a sua vida noutros locais.

Em contraste, na população mais adulta e idosa os números mantiveram-se estáveis, com 22 301 indivíduos na faixa etária dos 25 até aos 64 anos, no recenseamento de 1930, e 22 476 pessoas nos censos de 1940. Na população idosa, registou-se até um aumento, de 2 024 indivíduos, nos censos de 1930, para 2 611, passados dez anos.[10]

É importante salientar que os dados demográficos do Recenseamento de 1930 revelam que a região de Setúbal tinha sofrido mudanças significativas. O concelho era mais pequeno em área geográfica do que no início do século XX, devido à desanexação da Região de Palmela e respetivas localidades (atualmente, constituem o município de Palmela) do concelho de Setúbal, em 1926. Apesar da redução territorial, ao analisar os dados dos censos de 1930, o concelho de Setúbal tinha mais população do que em 1920, data do anterior recenseamento, quando a Região de Palmela ainda fazia parte do município setubalense.

Para além disso, a Ditadura Militar, que tinha assumido o poder em Portugal há meses, determinou administrativamente, no dia 22 de dezembro de 1926, a criação do distrito de Setúbal, o vigésimo segundo[11] e último distrito a ser criado em Portugal, resultado do crescimento económico e do aumento da importância da cidade de Setúbal a nível nacional. Como consequência, Setúbal e o seu município deixaram de fazer parte do distrito de Lisboa e foi criado o Governo-Civil de Setúbal.

[10] https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=72364315&PUBLICACOESmodo=2

[11] Atualmente existem em Portugal 18 distritos e duas regiões autónomas, mas durante a Segunda Guerra Mundial, o território europeu português era constituído por 18 distritos em Portugal Continental, 3 distritos autónomos no Arquipélago dos Açores e 1 no Arquipélago da Madeira.

1.2 - Economia, Trabalho e Sociedade: atividades produtivas em Setúbal

A economia na região de Setúbal na década de 1930 era baseada na pesca e na produção industrial baseada na transformação de víveres provenientes do mar. Segundo Guilherme Faria, em palestra proferida na Câmara Municipal de Setúbal, no dia 30 de novembro de 1949, no contexto do Ciclo de Conferências de Carácter Económico-Regional, promovido pelo Grémio do Comércio de Setúbal, intitulado "Setúbal e a Indústria de Conservas", nos primeiros 48 anos do século XX, a década de 1930 foi, provavelmente, o pior período histórico da indústria conserveira sadina, em especial durante a segunda metade do decénio, onde a produção representou apenas 21,9 % de toda a quantidade de tonelagem de conservas exportadas por Portugal[12].

Para além disso, a produção nacional de conservas passava nesta época por uma mudança nas políticas de exportação. No estudo "Strategies for Portuguese Canned Sardines in the U.S. Market between the Great Wars", os autores referem que António de Oliveira Salazar, como ministro das Finanças desde 1928 e Presidente do Conselho de Ministros posteriormente, desde 1932, tentou pôr fim à desorganização da atividade económica exportadora, acentuada pela crise financeira de 1929, que afetou muitos dos mercados para onde eram exportadas as conservas produzidas em Portugal. Como consequência desta política, iniciou-se uma concorrência muito intensa, entre os diferentes mercados de exportação, aumentando bastante os preços e desprestigiando a produção portuguesa[13].

O próprio Salazar na época, afirmou:

> A necessidade de capital levou à venda a qualquer preço e de qualquer forma, tão abaixo do custo, que por vezes foi considerado um "dumping" ["Dumping" é a expressão anglo-saxónica para negociação de produtos a preços excecionalmente abaixo do seu valor real] – um "dumping" absurdo, sem qualquer benefício para ninguém[14].

Os resultados mais negativos desta frágil conjuntura económica, foi que os fabricantes se confrontavam cada vez mais com uma maior redução da compra de

[12] Faria, Guilherme (1950), *Setúbal e a Indústria de Conserva,* Setúbal: Tip. Orfanato Municipal

[13] Moreira, Maria Cristina, Cordeiro, José Manuel Lopes e Cerdeira, Jorge (2024). «Strategies for Portuguese Canned Sardines in the U.S. Market between the Great Wars». *Ler História*, n.º 85, pp. 243-262.

[14] Lopes, José Manuel Madureira; Pereira, Alberto Manuel de Sousa (2015). *A Indústria das Conservas de Peixe em Setúbal*. Setúbal: Editora Estuário.

conservas, como o próprio estudo de Salazar evidencia: "[…] maiores retrações por parte do comprador que continua à espera de melhores preços e condições"[15] .

Para além da indústria conserveira, as outras duas principais empresas empregadoras na região de Setúbal eram a SECIL (Sociedade de Empreendimentos Comerciais e Industriais, Lda.) e a SAPEC (Société Anonyme de Produits et Engrais Chimiques du Portugal). A extração de calcário para a produção de cimento começou a sua atividade em 1904, na Serra da Arrábida, na zona do Outão, onde já funcionavam pedreiras desde meados do século XVIII. Posteriormente, em 18 de junho de 1930, foi criada a empresa SECIL – Companhia Geral de Cal e Cimento. O estabelecimento desta sociedade industrial, com capitais portugueses e dinamarqueses, estava inserido na construção do novo e moderno Porto de Setúbal, pois o cimento produzido seria utilizado nas obras do porto.

A SAPEC iniciou a sua produção na segunda metade da década de 20 do século XX, na zona da Mitrena, a leste da cidade de Setúbal, transformando as pirites das Minas de Lousal, no concelho de Grândola, em fertilizantes agrícolas.

Por conseguinte, na década de 1930, Salazar, enquanto presidente do Conselho de Ministros iniciou uma extensa reorganização da economia portuguesa, abrangendo todos os setores, o primário, o secundário e o terciário, alterando a forma como a indústria, a pesca, a agricultura e o comércio eram realizados em Portugal.

O sistema económico adotado por António de Oliveira Salazar, denominado corporativismo, foi uma configuração socioeconómica que perdurou até ao fim do Estado Novo, a 25 de abril de 1974, diferente do capitalismo demoliberal, vigente nos dias de hoje[16]. Os princípios do corporativismo inspiravam-se nas organizações medievais de profissões, que integravam desde os principiantes até os tutores ou mestre de cada profissão. Outra influência foram as encíclicas papais, tais como a *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII, publicada em 1891, e a *Quadragesimo anno*, do Papa Pio XI, publicada quarenta anos depois, em 1931.

---

[15] Salazar, António de Oliveira (1953). *Estudo do Sr. Doutor Oliveira Salazar. Notas sobre a Indústria e o Comércio de Conservas de Peixe*. Lisboa: Astória Lda, Artes Gráficas.

[16] Lopes, José Manuel Madureira; e Pereira, Alberto Manuel de Sousa (2015). *A Indústria das Conservas de Peixe em Setúbal*, Editora Estuário, p. 117.

Em certos aspetos, esta decisão era uma reação à Revolução Bolchevique de 1917, na Rússia, onde se desenvolveu um Estado socialista marxista-leninista, em que todo o Estado tinha o controlo total sobre a economia, bem como as consequências da "Grande Depressão", de 1929, que evidenciou as fragilidades do capitalismo desregulado, controlado pelas leis de mercado, apresentadas pelo economista e filósofo escocês Adam Smith, ainda no século XVIII na sua obra *A Riqueza das Nações*, editada em 1776[17].

Sendo assim, começaram a afirmar ideias de um sistema socioeconómico que fosse um equilíbrio entre estas formas de desenvolvimento económico completamente diferentes. Em Portugal, com o Estado Novo, tal como em Itália, sob o regime de Benito Mussolini, e mais tarde em Espanha, durante a ditadura franquista, o corporativismo vai-se consolidar. Com a promulgação da nova Constituição Portuguesa, de 1933, que declarava no 5.º artigo que "O Estado Português é uma República unitária e corporativista" e no artigo n.º 34.º, onde afirmava que: "O Estado promoverá a formação e desenvolvimento de economia nacional corporativa", o corporativismo ficou instaurado[18].

Segundo este novo modelo de sociedade e de organização da vida económica do país, a posse de terrenos e imóveis, o capital e as atividades económicas eram consideradas como exercendo uma responsabilidade social importante. Além do mais, nos vínculos entre o património e os ofícios, não era autorizado a interrupção da atividade e o custo dos bens produzidos deveriam ser estabelecidos, consoante os gastos de fabrico e não através das leis de mercado.

Consequentemente, a competição económica entre as diferentes empresas deveria ser limitada pelo Estado português, para impedir o crescimento de monopólios e o enfraquecimento das empresas com menor capital, ou ainda criar conflitos sociais que pudessem perturbar a permanência do regime autoritário.

Após a aprovação da Constituição, através de referendo, no dia 19 de março de 1933 (um plebiscito, como era designado na altura), com claras evidências de fraude eleitoral, a 23 de setembro desse ano foi promulgado, no *Diário do Governo*, através do

[17] Lopes, José Manuel Madureira; e Pereira, Alberto Manuel de Sousa (2015). *A Indústria das Conservas de Peixe em Setúbal,* Editora Estuário

[18] O texto definitivo foi publicado num suplemento do *Diário do Governo*, I Série, nº43 de 22 de fevereiro de 1933.

decreto-lei nº 23.048, o Estatuto do Trabalho Nacional (E.T.N)[19], baseado na *Carta del Lavoro* do regime fascista italiano de Benito Mussolini, aprovada em 1927, onde eram concebidas as organizações corporativas patronais, a restruturação dos sindicatos nacionais, a constituição das Casas do Povo, nas regiões rurais do país e as Casas dos Pescadores, nas localidades piscatórias, como Setúbal, a promoção de fundos para a construção de casa económicas e a criação do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência (I.N.T.P)[20].

A Caça à baleia na Região de Setúbal

Pouco conhecida, a caça à baleia iniciou-se na região de Setúbal na década de 20 do século passado, mais precisamente no ano de 1924, quando a Companhia Portuguesa de Pesca de Cetáceos obteve do Governo português uma adjudicação de seis anos para desenvolver uma fábrica, na Península de Troia, que ficava situada entre as ruínas romanas de Cetóbriga e o cais atual de *ferry-boats* [21]. O princípio da laboração foi em setembro do ano seguinte. Apesar disso, já desde março se caçavam baleias, através do aluguer de um navio norueguês, de nome Professor Gruvel. Logo no ano de 1924, foram caçadas 26 baleias, que possuíam um comprimento que variava entre os 12 e os 18 metros. Em média, um cetáceo fornecia, aproximadamente, 4 mil litros de óleo. No ano de 1925, foram capturadas 160 baleias, o que possibilitou o processamento de 662.700 litros de óleo, com 632 toneladas dele (cerca de 632 mil litros) a serem exportadas pelo porto de Setúbal.

As espécies caçadas eram várias, incluindo os grandes cachalotes e baleias azuis, o maior animal e mamífero do mundo, tendo em consideração o seu comprimento.

Nesse mesmo ano, já existiam três navios baleeiros a pescar ao largo de Setúbal, o *Fogo*, o *Musculus* e o *Sybaldi*, construídos na Noruega, com uma tonelagem entre as 150 e as 200 toneladas. A tripulação era mista em termos de nacionalidade, com o disparo do arpão a cargo de noruegueses. Os restantes marinheiros eram em geral portugueses.

O óleo, obtido da gordura dos cetáceos era utilizado na produção de sabões, de margarinas e na iluminação pública, pois o óleo era usado para acender candeeiros

[19] Pelo decreto-lei nº 23.048, publicado no D.G. nº217, de 23 de setembro de 1933.
[20] Pelo decreto-lei nº 23.053, publicado no D.G. nº217, de 23 de setembro de 1933.
[21] Estas informações foram obtidas a partir da imprensa sadina da época, dos vários relatórios anuais da Junta Autónoma do Porto de Setúbal e do jornal *Interesses Económicos Luso-Brasileiros*, citado na bibliografia final.

públicos e na iluminação do interior de habitações, chegando até a ajudar na refinação do crude, para a obtenção de petróleo.

Mas não era só o óleo que era aproveitado. A carne das baleias era vendida para consumo humano e os ossos dos animais eram empregues no fabrico de pentes, botões e vários objetos domésticos, com os resíduos da fabricação destes utensílios a servirem de adubos depois de tratados.

Contudo, a existência desta fábrica baleeira na Península de Troia foi de pouca duração, pois em 1928 a empresa faliu, afirmando que os impostos sobrecarregavam bastantes as exportações efetuadas. Como consequência, em maio de 1929, foi anunciado no *Diário do Governo* (atual *Diário da República*), o fim da concessão porque, segundo a nota oficial: "há mais de um ano que não exerce a sua exploração."[22]

Mais tarde[23], em plena Segunda Guerra Mundial, no ano de 1943, a firma Francisco Marcelino Reis, com sede nos Açores, decidiu montar uma fábrica na zona da Mitrena, a leste da cidade de Setúbal, na margem direita do Rio Sado, junto à SAPEC (*Société Anonyme de Produits et Engrais Chimiques du Portugal*), de capital belga.

Estas novas instalações possuíam um navio e o processamento era semelhante à fábrica que existira na Península de Troia. Todavia, a embarcação usada pela empresa era consideravelmente mais rápida do que os vários navios baleeiros dos anos 1920, o que permitia caçar a 100 milhas de distância da costa (cerca de 185 quilómetros) e chegar ao Estuário do Rio Sado após algumas horas.

Um ano depois, em 1944, as instalações ainda não estavam totalmente construídas, porque existem informações de que um navio baleeiro, com o nome *Ruth*, possuindo um mestre, um artilheiro que disparava o dardo explosivo e seis marinheiros, havia caçado uma baleia-azul com 17 metros de comprimento e um peso de aproximadamente 57 toneladas, a cerca de 13 milhas náuticas (24 quilómetros) do Cabo Espichel, a oeste da vila de Sesimbra. Sendo que a construção da unidade industrial da Mitrena ainda não estava concluída, o cetáceo foi transportado para Sacavém, onde seria dissecado e

[22] Lopes, José Manuel Madureira; e Pereira, Alberto Manuel de Sousa (2015). *A Indústria das Conservas de Peixe em Setúbal*, Editora Estuário, p. 62.
[23] Lopes, José Manuel Madureira; e Pereira, Alberto Manuel de Sousa (2015). *A Indústria das Conservas de Peixe em Setúbal*, Editora Estuário, p. 62.

removida a sua gordura para a produção de óleo. A carne foi usada para fazer bifes de cebolada[24].

O Sal

A indústria salífera era uma das atividades mais tradicionais da Região de Setúbal. Desde a época da ocupação romana, pois o Estuário do Rio Sado era uma das mais importantes zonas de recolha de sal na Península Ibérica. O famoso *garum*, feito a partir de vísceras de peixe e muito apreciado na capital do Império Romano, a cidade de Roma, era produzido numa escala considerável na atual Região de Setúbal, como comprovam as ruínas na Baixa da Cidade de Setúbal e na Península de Troia, na margem sul do Estuário. Não existindo sistemas modernos de refrigeração, através do frio, o sal era fundamental para a conservação dos alimentos.

A partir do século XX, a exportação do sal diminui consideravelmente. Como exemplo, em 1874, eram exportadas 120 000 toneladas de sal, já na década de 1920, mais concretamente nos anos de 1923 e 1924, foram exportadas apenas 30 000 toneladas anualmente. A decadência prosseguiu na década seguinte (anos 1930), ao ponto de em 1938, terem sido exportadas 1509 toneladas. Curiosamente, nos anos seguintes, 1939 e 1940, a quantidade de sal exportado aumentou para 11 345 e 6 562 toneladas, respetivamente. Durante o final dessa década, proprietários e milhares de trabalhadores da região de Aveiro migraram para a região de Setúbal e introduziram uma forma nova de obtenção do sal, que ficou conhecida como "As Salinas à Moda de Aveiro", pois o traçado das salinas era diferente das salinas já existentes no Estuário do Sado.[25]

Já em pleno período da Segunda Guerra Mundial, no dia 15 de fevereiro de 1941, um fortíssimo ciclone varreu grande parte da costa portuguesa, danificando as salinas do Estuário, como refere o relatório do ano económico de 1941 da *Junta Autónoma das Obras do Porto e Barra de Setúbal e do Rio Sado*[26]. Foi mais um elemento que colaborou para a perda da importância da extração do sal na Península de Setúbal.

---

[24] Lopes, José Manuel Madureira; e Pereira, Alberto Manuel de Sousa (2015). *A Indústria das Conservas de Peixe em Setúbal*, Editora Estuário.

[25] ttps://ensina.rtp.pt/artigo/o-sal-do-sado-o-que-ficou-das-antigas-salinas/.

[26] Arquivo dos Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra. Relatório do Ano Económico de 1941 da *Junta Autónoma das Obras do Porto e Barra de Setúbal e do Rio Sado, Direção Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos, Ministério das Obras Públicas e Comunicações* – Cota 752/06.

1.3 – A imprensa: os jornais sindicalistas

Nos finais do século XIX, os operários com maior conhecimento e que sabiam ler e escrever, que eram uma percentagem reduzida, mas existente, começaram a desenvolver a ideia de publicar, com alguma regularidade, periódicos onde pudessem expor as suas causas e reivindicações sindicais.

Na Região de Setúbal, o primeiro jornal sindical foi *O Trabalho*, cuja publicação começou em 1890 e tinha uma periodicidade semanal, tendo como diretor Manuel Luís Figueiredo, um dos primeiros grandes símbolos do movimento sindicalista e socialista português da altura. Nesse periódico, Luís Figueiredo apresentava-se, segundo as suas palavras, como um "defensor dos soldadores e da classe operária". Porém, o período de publicação deste jornal foi curto. Voltaria a ser comercializado até ao ano de 1921, sob a liderança do mesmo diretor, mas afirmando-se agora como um periódico "da classe operária, socialista possibilista"[27].

No ano de 1903, surge um novo jornal, de seu nome *Germinal*. A corrente ideológica deste periódico era muito mais radical, com uma clara conotação anarcossindicalista. O chefe de redação era Martins dos Santos, com o semanário a ser publicado até 1913, com algumas fases de descontinuação da sua venda, durante esse período.

O número de jornais de vertente sindicalista publicados em Setúbal é reduzido, porque grande parte dos operários conserveiros, no início do século XX, era ainda analfabeta. Consequentemente, estes periódicos eram lidos por um número reduzido de trabalhadores, não tornando viável a sua publicação.

As coisas mudam, no início do Estado Novo, com o desenvolvimento dos Sindicatos Nacionais, durante a implementação do corporativismo económico. Em 1935, o recém-criado Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conserva do Distrito de Setúbal decidiu criar o seu jornal, intitulado *O Conserveiro*. O jornal *O Conserveiro* era publicado de 15 em 15 dias. Em média possuía três a quatro folhas e custava $30 centavos,

[27] O socialismo possibilista é uma tendência do movimento socialista, que tinha como objetivo ascender ao poder, mas sem recorrer a métodos revolucionários, advogando usar todos os meios legais possíveis e legais, como as eleições e sufrágios. Entre outros, ver: Arranja, Álvaro (2010). *Anarco-Sindicalistas e Republicanos Setúbal na I República*. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos.

aproximadamente 30 cêntimos, tendo como responsável de redação o antigo operário Manuel de Sousa. Na primeira edição do periódico, é efetuado um elogio forte ao regime salazarista, afirmando que a publicação só foi possível com a ajuda: "dos nossos amigos General Óscar Carmona e Drs. Oliveira Salazar e Teotónio Pereira"[28].

Este jornal sindical também diz na primeira tiragem, que tentava apresentar-se como um: "clarim unificador da disciplina da concórdia e da espiritualidade latina".[29] Ao longo da década de 1930, o periódico sofreu transformações, com a saída do redator do jornal, Manuel de Sousa, em abril de 1938. O Presidente do *Sindicato*, Abel Mesquita começou a discordar com Manuel de Sousa, declarando que o chefe de redação do jornal agia como fosse o dirigente máximo do Sindicato. Como Manuel de Sousa possuía um processo pendente sobre uma tentativa de assassinato ao seu antigo chefe, acabou por ser enviado para Lisboa, desempenhando as funções de escriturário, abandonando a redação do periódico.

Na edição n.º 73 do jornal, publicado no dia 15 de fevereiro de 1939, foi noticiado um artigo com o seguinte título, "O magno problema da crise da indústria". A notícia divulgada descrevia a situação das fábricas conserveiras setubalenses como cada vez mais preocupante, referindo que nos dias anteriores 300 trabalhadores tinham sido despedidos (incluindo 30 soldadores), com a garantia de compensações financeiras a serem negadas.

A edição seguinte com algum interesse histórico, foi o nº 75, divulgado no dia 15 de abril. A principal notícia do periódico foi a entrega da subvenção financeira durante o defeso (período em que os pescadores estão proibidos de pescar ou a pesca é mais controlada, como forma de permitir a renovação das gerações de peixe disponível no oceano), que o Sindicato conseguiu conceder a todos os seus sócios, incluindo os que tinham sido aceites a meio da temporada laboral. Outro aspeto curioso é que esta foi a última edição regular (15 em 15 dias) do jornal sindical *O Conserveiro*. A partir de então, só passaram a existir edições anuais, editadas sempre no mês de abril, com o objetivo de manterem o privilégio de possuírem título de imprensa, num formato de um boletim de notícias rotineiro, não obstante com interesse.

[28] Edição n.º 1 do jornal *O Conserveiro*, publicado pelo *Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas do Distrito de Setúbal*, agosto de 1935.
[29] Edição n.º 1 do jornal O Conserveiro, publicado pelo *Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas do Distrito de Setúbal*, agosto de 1935.

No ano seguinte, é divulgada a edição nº 76. Nesse momento, o *Sindicato* passou a ser dirigido por uma administração temporária. Sendo o soldador Ismael Rodrigues o presidente. Na referida edição, é noticiada a decisão, por parte da direção do periódico, em que referia que: *"*Dispensava de todos os serviços que desempenhava neste sindicato o ex-chefe de secretaria Manuel de Sousa"[30]. Foi anunciado o *Contrato Colectivo de Trabalho*, que seria assinado no mês seguinte.

Um ano depois, foi editado uma nova tiragem, referindo que a comissão administrativa permanecia a gerir o *Sindicato,* exatamente com os mesmos membros e que pela primeira vez, os trabalhadores sindicalizados obtiveram o direito de possuir dias de férias. Por conseguinte, o *Sindicato* encontrava-se a modificar o registo predial da sede sindical, que ainda estava inscrita na Cooperativa João de Boa – Viagem, um dos criadores da extinta Associação de Classe dos Operários Soldadores, fundada no final do século XIX.

Entretanto, é divulgado a informação de que na escola primária associada ao Sindicato estavam inscritos 120 alunos da 1, 2 e 3.ª classe (equivalente ao atual 1, 2 e 3.º ano escolar) e que no ano anterior, o serviço funerário tinha efetuado 147 enterros e em 1940, 148, dos quais 60% eram filhos (com menos de 16 anos de idade) dos associados, o que revela as precárias condições de vida dos trabalhadores operários setubalenses, durante este período histórico.

Na edição seguinte[31], no ano de 1942, era noticiado que as fábricas Algarve Exportador, Lda e a M. Perienes, Lda aumentavam o salário dos trabalhadores em 20%, no mês de outubro do ano anterior (algo inédito, tendo em conta a situação socioeconómica que se vivia em Portugal, devido a Segunda Guerra Mundial), algo que foi feito à parte do Contrato Colectivo de Trabalho (C.C.T). Também é mencionado que o Sindicato e o Grémio concordaram em atualizar os ordenados dos operários associados, efetuando um acréscimo de 10% nos mesmos.

Depois, na publicação subsequente (o n.º 79), anunciava que no mês de novembro de 1942, tinha sido celebrado um novo entendimento, permitindo um aumento salarial, apesar das conserveiras Conserva Estrela, Lda. e Empresa Industrial de Conservas "Poker", Lda. já terem aumentado os vencimentos do pessoal. Nessa mesma edição, era

[30] Edição n.º 76 do jornal *O Conserveiro*, publicado *pelo* Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas do Distrito de Setúbal, abril de 1940.

[31] Edição n.º 78 do jornal *O Conserveiro*, publicado pelo Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas do Distrito de Setúbal, abril de 1942.

publicado que tinham sido realizadas duas assembleias gerais do Sindicato. A primeira, para apresentar o balanço financeiro da instituição (lucros e despesas) e a segunda, para nomear, como o próprio jornal refere: "Sua Excelência o Doutor António Oliveira Salazar como Sócio Honorário do Sindicato"[32].

Passados 12 meses, o periódico n.º 80 divulgava que em março desse ano, um novo Contrato Colectivo de Trabalho (C.C.T) tinha sido firmado. É noticiado que o 1.º escriturário Carlos José Gomes assume o cargo de Chefe de Secretaria do Sindicato, função que irá desempenhar até à extinção do Sindicato, já na década de 1980, após a democratização do nosso país.

No último ano da Segunda Guerra Mundial, foi editado o n.º 81 deste jornal sindical, que informava que tinha sido designado um novo delegado regional do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência (I.N.T.P), de seu nome João das Neves, sendo anunciado pelo periódico como: "um doutrinário cultoríssimo, profundo conhecedor das complexidades dos problemas da organização corporativa".[33] Nessa edição, é mencionado que na sede do Sindicato foram montados dois sistemas de lavagem corporal (duche) em 1944, usando água fria, que foram usufruídos 163 vezes, nos meses mais quentes.

[32] Edição n.º 78 do jornal *O Conserveiro*, publicado pelo *Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas do Distrito de Setúbal*, abril de 1943.
[33] Edição n.º 81 do jornal *O Conserveiro*, publicado pelo *Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas do Distrito de Setúbal*, abril de 1945.

Capítulo 2 – A Indústria Conserveira

2.1 – A instalação da indústria conserveira de peixe em Setúbal

Sobretudo a partir de meados do século XIX, começaram a desenvolver-se as primeiras indústrias modernas em Portugal. Dadas as condições naturais do Porto e da Baía de Setúbal e possuindo peixe de qualidade durante praticamente todo o ano (principalmente sardinha e carapau), as primeiras indústrias de conserva de peixe começaram a instalar-se na zona de Setúbal a partir de 1855.

Para além disso, acontecem mudanças significativas em Setúbal, durante esse ano. Foi criada em abril, a Associação Setubalense de Socorros Mútuos das Classes Laborais, para conceder auxílio aos trabalhadores em períodos de doença e de desemprego. Esta instituição que vai ser importante no futuro para os operários conserveiros. No mesmo mês, o Theatro de Bocage (segundo a grafia da época), situado na Rua da Conceição (atual Avenida 5 de Outubro), é reaberto, com melhorias no seu interior, incluindo um novo pano de cena. Depois, em julho, começa a ser publicado o jornal *O Setubalense*, um dos mais antigos periódicos ainda em circulação no país e que se tornou no principal jornal regional setubalense. Posteriormente, no mês de outubro, são realizadas alterações administrativas importantes, acompanhando um pouco o que se estava a fazer em todo o reino, com a redução nacional do número de municípios. Por conseguinte, os concelhos de Azeitão e de Palmela[34].

Como consequência de todo este aumento, em termos de importância socioeconómica e administrativa, a 19 de abril de 1860, a vila de Setúbal passou a ser uma cidade, por decreto do rei Dom Pedro V. Para reforçar isso, um ano depois, chega o transporte ferroviário a Setúbal, sendo uma das primeiras localidades portuguesas a contar com este tipo de transporte.

No arquivo do historiador Almeida Carvalho, que viveu no mesmo período histórico da construção das primeiras fábricas de conserva, na posse do Arquivo Distrital

[34] Palmela volta a ser novamente sede de município em 1926.

de Setúbal, encontram-se os seus registos, que revelam com alguma exatidão quando a indústria de conserva de peixe começou a Setúbal:

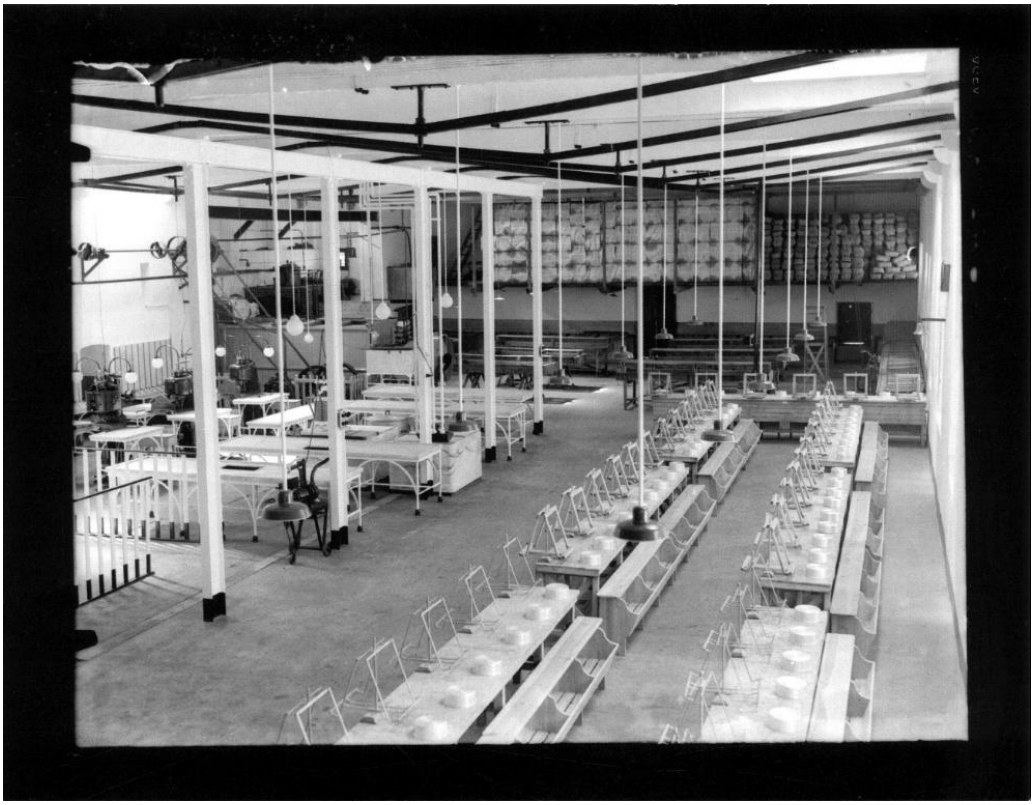
> A fábrica de géneros alimentícios que consistiam em diferentes qualidades de peixe e principalmente sardinhas em conserva de azeite e dentro de caixas de lata hermeticamente fechadas, foi estabelecida em Setúbal em 1855 por Feliciano António da Rocha apoiado em Manuel José Neto […] A maior parte da exportação foi para os portos do Brasil e de África.[35]

Este historiador refere que passados seis anos após o início da laboração da primeira fábrica, em 1861, existiam na jovem cidade de Setúbal, já três fábricas de conserva de peixe e de frutas. E para provar que os dados de Almeida Carvalho estavam corretos, no periódico brasileiro *Correio Paulistano* [36], do dia 16 de novembro de 1862, foi publicado um anúncio publicitário relacionado com um leilão de produtos alimentares, relacionado com a falência comercial de um algum negociante, cujo géneros eram: "manteiga holandesa, sardinhas de Setúbal, cebolas de Lisboa, etc".

Durante mais de um século, desde a criação das primeiras fabricas, que os procedimentos de fabrico da conserva de peixe pouco evoluíram, excetuando a produção das latas e a forma de selar as mesmas. O fabrico está já muito bem descrito por José Lopes e Alberto Pereira[37].

[35] Está depositado no Fundo Almeida Carvalho, do Arquivo Distrital de Setúbal, na referência 18/1, pasta 18, documento 1.
[36] O *Correio Paulistano* foi o primeiro jornal diário a ser publicado na cidade de São Paulo, no Brasil. O primeiro número saiu em 1854.
[37] Lopes, José Manuel Madureira; e Pereira, Alberto Manuel de Sousa (2015). *A Indústria das Conservas de Peixe em Setúbal*, Editora Estuário.

Imagem n.º 1 - Fábrica de conservas Viegas & Lopes, interior, 9 de setembro de 1939 (data de registo da imagem). Imagem e legenda de Américo Ribeiro.



Fonte: AR629. Reprodução digital feita a partir de negativo de gelatina em vidro 9x12 cm. Coleção Américo Ribeiro. Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro. SMBM. DCED. Câmara Municipal de Setúbal.

Quando o peixe chegava às fábricas, transportado pelos descarregadores de peixe, iniciava-se uma série de técnicas até as latas serem colocadas nos caixotes e em seguida seguirem para serem vendidas. Primeiro, o peixe era amanhado, retirando-se os órgãos internos e vísceras, uma função desempenhada essencialmente por mulheres, uma mão de obra pouco qualificada e que recebiam salários muito reduzidos. Depois, eram feitas as "mouras" de sal, a colocação do peixe em depósitos de sal, para que o peixe fosse salgado. Era uma tarefa exercida tanto por mulheres, como por homens, que no caso dos trabalhadores do sexo masculino era considerado como um trabalho especializado.

Após serem salgados, os filetes de peixe eram colocados e presos dentro de grelhas próprias, num processo designado por "engrelhar", elaborado por operárias com poucas habilitações. Seguidamente, os filetes já "engrelhados" eram lavados com água doce, para retirar o excesso de sal. Prontamente, o peixe era cozido a vapor no "fogueiro", de forma

a tornar as espinhas moles e sem risco de causar danos físicos ao consumidor. Este método foi sofrendo evoluções, ao longo do tempo.

Numa fase inicial, a cozedura era feita dentro de estufas, que nas fábricas sadinas eram chamadas de "fornos", com os filetes a serem assados, num processo muito semelhante à cozedura do pão.[38] Outra maneira de manufaturar as conservas era cozer o peixe em água a ferver, mas este processo deixava os filetes de peixe muito moles e com pouca qualidade, pelo que eram vendidos apenas a nível interno e para as colónia portuguesas ou para o mercado brasileiro.

Imagem 2 - Fábrica de conservas Unitas – cofres para cozer o peixe, 14 de fevereiro de 1948 (data de registo da imagem). Imagem e legenda de Américo Ribeiro.



Fonte: AR4343. Reprodução digital feita a partir de negativo de gelatina em vidro 9x12 cm. Coleção Américo Ribeiro. Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro. SMBM. DCED. Câmara Municipal de Setúbal.

Nos finais do século XIX, apareceu a cozedura a vapor sobreaquecido, a uma temperatura superior a 100 graus Celsius, permitindo que o peixe permanecesse consistente e conservando as suas qualidades. A primeira referência da introdução deste

[38] Lopes, José Manuel Madureira; e Pereira, Alberto Manuel de Sousa (2015). *A Indústria das Conservas de Peixe em Setúbal*, Editora Estuário, pp. 175-176.

procedimento na região de Setúbal data do ano de 1891, com a denominação de "estufas de vapor". Os jornais setubalenses, como o *Setubalense*, noticiaram que as fábricas de conserva de João José Salgado e João Marques Câncio iriam começar a cozer os filetes de peixes através deste sistema.[39]

Passados quatro anos, em 1895, das 23 fábricas existentes em Setúbal, 18 já coziam o peixe usando o método da cozedura com vapor sobreaquecido, com apenas cinco ainda a usar o ultrapassado método de cozer o peixe em fornos de assar. A principal vantagem de cozer a vapor é que triplicava a quantidade de peixe cozido e reduzia o tempo de cozedura.

Sem demoras, o peixe era enlatado através de uma abertura sem a parte de cima, que seria mais tarde soldada ou cravada. Desta forma, deixava-se os filetes numa posição proporcional, para que o consumidor gostasse da disposição do produto no momento do consumo. Normalmente, esta função era desempenhada por mulheres, com prática e já com alguma especialização na forma de colocar o peixe.[40]

Imagem 3 - Fábrica de conservas *"Unitas"* – secção de enlatamento, 14 de fevereiro de 1948 (data do registo da imagem). Imagem e legenda de Américo Ribeiro



Fonte: AR4331. Reprodução digital feita a partir de negativo de gelatina em vidro 9x12 cm. Coleção Américo Ribeiro. Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro. SMBM. DCED. Câmara Municipal de Setúbal.

[39] Lopes, José Manuel Madureira; e Pereira, Alberto Manuel de Sousa (2015). *A Indústria das Conservas de Peixe em Setúbal*, Editora Estuário, p. 176.
[40] Lopes, José Manuel Madureira; e Pereira, Alberto Manuel de Sousa (2015). *A Indústria das Conservas de Peixe em Setúbal*, Editora Estuário, p. 176.

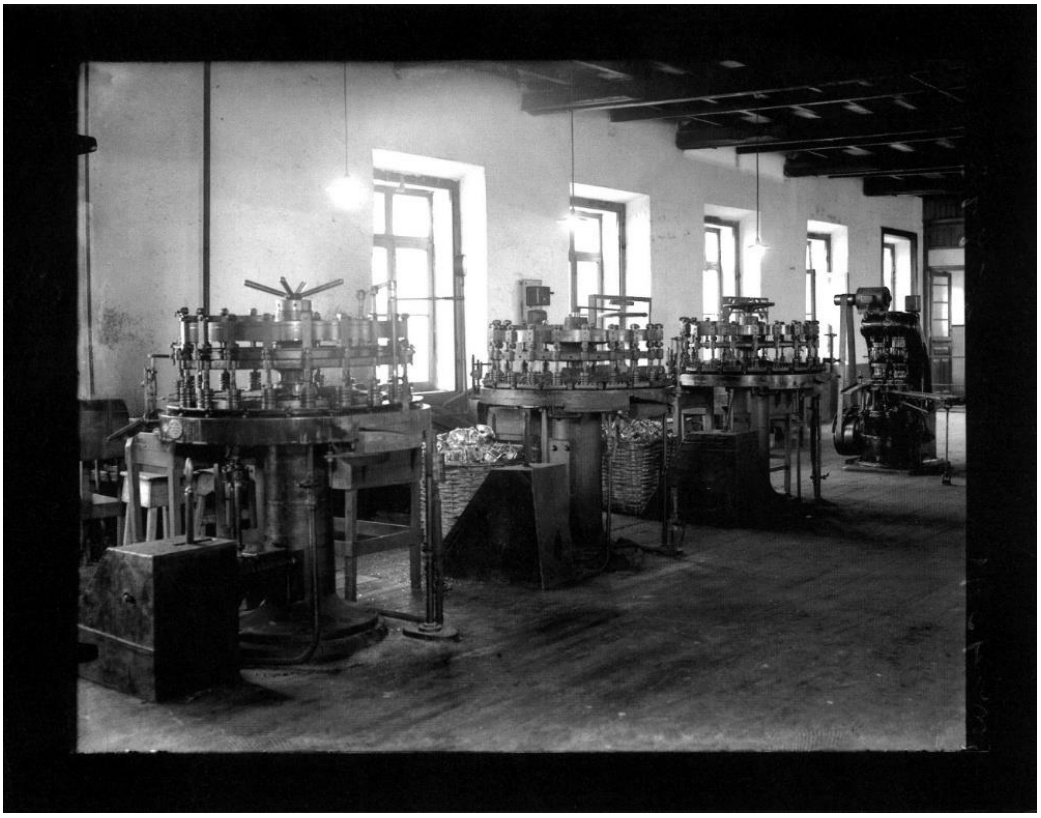
A verificação do enlatamento era feita também por mulheres, envolvendo um profissionalismo grande, pois era nesta fase que se examinava as latas, tendo a certeza de que o peixe estava uniformemente colocado no seu interior, sem quaisquer imperfeições. Terminada a verificação, procedia-se ao "azeitamento", ou seja, o procedimento de colocar o azeite no interior das latas para conservar os filetes de peixe.

Nas primeiras décadas de existência da indústria conserveira em Setúbal, ou seja, na segunda metade do século XIX, o azeite era colocado manualmente no interior das latas, usando-se uma púcara. Todo o azeite que era vertido para fora das latas, vazava para umas calhas, para ser subsequentemente aproveitado. O mais importante era preencher até ao máximo as latas de conserva com azeite, de maneira a impossibilitar a criação de bolsas de ar, que punham em causa a conservação do produto.

Na década de 1930, apareceram equipamentos modernos, onde as latas percorriam um tapete rolante, sendo encaminhadas para torneiras específicas, de onde era vertida a referida gordura vegetal. O azeite que escorria para fora era reaproveitado.

Prontamente, iniciava-se a etapa do processo produtivo que mais mudanças sofreu. Durante a segunda metade do século XIX e o início do século XX, as latas eram soldadas por soldadores, através de maçaricos que utilizavam gás natural. Mais tarde, surge uma grande evolução, as máquinas cravadeiras, que tornava o processo de selar as latas mais seguro e muito mais rápido. Depois de cravadas, as latas eram examinadas por operárias, com prática no processo, chamadas de "visitadeiras". Este procedimento era popularmente designado de "visitar a lata".

Imagem 4 - Fábrica de conservas *"Unitas"* – secção do vazio, soldadeiras, 14 de fevereiro de 1948 (data do registo da imagem). Imagem e legenda de Américo Ribeiro.



Fonte: AR4340. Reprodução digital feita a partir de negativo de gelatina em vidro 9x12 cm. Coleção Américo Ribeiro. Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro. SMBM. DCED. Câmara Municipal de Setúbal.

Este estádio de produção era extremamente importante, pois se a cravação estivesse imperfeita, isso facilitaria a entrada de ar e de agentes patogénicos, pondo em causa a qualidade da conserva. Após serem verificadas, as latas de conservas eram esterilizadas nos "autoclaves", câmaras onde o produto era esterilizado, matando a maioria das bactérias e vírus que pudessem ser prejudiciais para a saúde do consumidor. Era um procedimento realizado a temperaturas superiores a 100 graus Celsius, no espaço de vários minutos. Esta tarefa era uma função exercida principalmente por homens.

Sem demora, as latas eram limpas. Nas primeiras décadas da instalação da indústria conserveira na Região de Setúbal, a limpeza era feita através de escovas, com o objetivo de absorver o excedente de gordura, um trabalho que ficava a cargo de aprendizes com pouca técnica. Na década de 1930, houve um avanço tecnológico, com a aquisição de dispositivos que limpavam as latas a vapor, através de um tapete rolante ligado a um motor elétrico.

Antes de serem encaixotadas, era necessário fazer uma última verificação, que os operários designavam como "bater a lata", num curioso método, onde duas latas eram batidas uma contra a outra. O choque produzia um som distinto nas duas latas, comprovando que estavam bem seladas e sem ar no seu interior.

Mas caso produzisse um ruído diferente do habitual, significaria que existia ar no seu interior, podendo a lata ser recuperada ou desperdiçada, ou seja, deitada para o lixo. Isto mostra que as pessoas envolvidas nesta área de produção tinham de ser bastante especializadas, para saberem quais eram as latas defeituosas.

Terminada toda esta linha de produção, as latas eram encaixotadas por operários, homens ou mulheres, sem muita prática. Depois os caixotes eram "amarados", presos com pregos e recebiam uma cinta com arame. Nas últimas décadas da presença da indústria conserveira em Setúbal, eram já utilizadas cintas de aço, de modo a resistirem mais eficazmente ao transporte.

Por fim, os caixotes, contendo 100 latas cada um, eram rotulados. O rótulo assinalava o fabricante, o país de origem do fabrico, que neste caso era Portugal, a marca, e alguns possuíam gravuras e ilustrações. A rotulagem era estampada na madeira dos caixotes, com o uso de tinta escura, ou gravadas por uma chapa metálica muito quente, um processo semelhante ao que é feito aos bovinos, com o objetivo de identificar os animais.

A matéria-prima: a pesca em Setúbal

Estando situada numa baía ampla e pertencente ao estuário do rio Sado, Setúbal sempre apresentou condições ótimas para a captura de peixe em alto mar. Durante a ocupação romana, entre o I e o IV séculos depois de Cristo, existiram "fábricas" que produziam o famoso *garum*, composto por vísceras de peixe. O processo de conservação era feito, intermediando camadas sucessivas de *garum* com sal, que se tornou um dos mais importantes produtos de exportação, da região de Setúbal, a par do peixe.

As "fábricas" ficavam situadas na baixa histórica da atual cidade de Setúbal e na Península de Troia e eram de considerável tamanho, o que evidencia uma abundância de peixe nesta região, sendo as espécies de peixe mais capturadas as sardinhas, as cavalas e o atum.

Ao longo da História, os reis portugueses foram cobrando o "dízimo" ao peixe vendido. O "dízimo" era um imposto real de 10% sobre o preço do peixe à venda na Praça da Ribeira, atual Largo Dr. Francisco Soveral, no Centro Histórico de Setúbal.

Devido à grande quantidade de peixe existente, em meados do século XIX começaram-se a instalar fábricas de conserva, transformando o peixe em conservas de peixe.

Nos anos 1930, com as mudanças na economia, promovidas pelo presidente do Conselho de Ministros, António de Oliveira Salazar, a pesca em Setúbal sofre alterações que não beneficiaram necessariamente os pescadores. No mês de maio de 1933, os pescadores da região de Setúbal enviaram uma petição ao presidente do Conselho de Ministros e ministro das Finanças, sobre os seus baixos salários de 3$20 escudos por dia[41]. Também criticam o sistema em que os armadores aceitavam pessoas, usando a forma de vencimento designado popularmente "à unha"[42], que era praticado no Algarve e na Região de Lisboa. Neste processo de renumeração, o pescador recebia monetariamente pela quantidade de peixe que conseguia entregar, em acordo com os seus camaradas de trabalho, utilizando restos que o patrão ou mestre deixavam no porão do barco. Usando um excerto dessa petição: "Que transforma, é triste dizê-lo, o marítimo numa fera porque de contrário não ganha nada". Um dos objetivos dos pescadores era o estabelecimento de um valor de renumeração fixo, acumulado a uma percentagem monetária da venda do peixe capturado.

Um ano depois, no dia 20 de maio de 1934, o moderno porto de Setúbal é inaugurado, tendo as obras tinham sido iniciadas em 1930. O porto tinha três docas, a Doca de Comércio, a Doca de Recreio, destinada ao Clube Naval Setubalense, e a Doca dos Pescadores. Nestas obras, estiveram envolvidos, ao longo de quatro anos, 600 homens todos os dias, custando 27 mil contos ao Estado português. A inauguração, tal como ocorreu durante a colocação da primeira pedra, em 1930, contou com a presença do presidente da República, General Óscar Carmona, integrando uma procissão religiosa de agradecimento, a instalação simbólica da última pedra do novo Porto e a travessia de vários barcos e navios, em estilo de regata, terminando com uma tourada de gala, na Praça

[41] Lopes, José Manuel Madureira; Pereira, Alberto Manuel de Sousa, A Indústria das Conservas de Peixe em Setúbal, Editora Estuário, dezembro de 2015, p. 56.

de Touros Dr. Carlos Relvas, antiga Praça de Touros Rei Dom Carlos I, designação que prevalecera até a Implantação da República, em 1910.

Devido à relativa proximidade geográfica, o porto de Setúbal sempre forneceu peixe ao Alentejo, em especial ao Alto Alentejo. Até aos anos 30 do século XX, o peixe era transportado em carroças, chegando aos consumidores num estado pouco apelativo ao consumo. Nesta década, chega a inovação do transporte ferroviário do peixe, em carruagens preparadas, onde o peixe era transportado normalmente salgado.

O peixe era também distribuído por camionetas. A primeira localidade onde chegavam, o peixe era vendido ao valor mais alto. Progressivamente, o preço diminuía à medida que o peixe ia sendo comercializado noutras aldeias, o que desenvolvia uma grande procura, pois era raro os alentejanos terem acesso a peixe de alto mar.

Com uma procura tão grande, os acidentes rodoviários das carrinhas de transporte de peixe eram muito frequentes. Tal foi evidenciado pelo jornal *O Setubalense*, em junho de 1936, afirmando que os veículos de transporte de peixe deslocavam-se, pela cidade de Setúbal e nas estradas, em direção ao Alentejo, demasiadamente depressa e que era necessário fazer algo, pois como dizia um excerto do jornal: "pois os desastres são constantes". Como consequência, a Direcção-Geral dos Serviços de Viação começou a construir postos de fiscalização do trânsito, para controlar a velocidade das camionetas.

Foi estabelecida uma velocidade média de 30 quilómetros por hora, entre cada local de venda. Caso houvesse incumprimento desta nova norma, estavam previstas coimas entre as quais o confisco da carta de condução. Só para se ter noção do enorme desrespeito das regras, o Tribunal de Setúbal julgou, em junho de 1938, vários casos de apreensão de peixe com dinamite[43].

Como consequência, as multas atingiam o valor de 4.000$00 escudos, mais uma pena de prisão que variava entre os três e quatro meses de detenção. Como exemplo, a canhoeira Faro, navio da Marinha Portuguesa, apreendeu sete embarcações de pesca de arrasto, sediadas em Lisboa, que se encontravam a pescar perto de Sines, numa zona considerada interdita, com as autoridades a adotarem coimas de 2.000$00 escudos. A

[43] Lopes, José Manuel Madureira; a Pereira, Alberto Manuel de Sousa (2015). *A Indústria das Conservas de Peixe em Setúbal,* Editora Estuário, p. 57.

imprensa regional, em especial o jornal *O Setubalense*, considerou as penalizações como demasiadamente bondosas.

Outra coisa que mostrava a difícil vida dos pescadores era a forma de pagamento. A empresa ficava com 30% do lucro bruto do peixe vendido, com o mestre a receber em oito parcelas. Por conseguinte, para o mestre do leme e o mestre de terra eram concedidas duas partes, divididas em si, o fogueiro (o homem responsável pela confeção dos alimentos a bordo), o pessoal do armazém e outros trabalhadores tinham direito a uma parte, com o acréscimo de levarem para casa, um balde de peixe.

A implementação do sistema de quatro meses de defeso (período em que a pesca estava condicionada, para permitir o desenvolvimento dos cardumes e a sustentabilidade da pesca) acabou por perturbar bastante os pescadores e os armadores, pois a venda desse peixe não apresentava um lucro satisfatório.

O jornal *A Indústria*[44] divulgou, no mês de fevereiro do ano de 1941, as vendas mensais na lota de peixe de Setúbal dos anos anteriores (1939 e 1940). É notório que, durante os meses em que o defeso estava em vigor, entre os meses de fevereiro e maio, as vendas são muito reduzidas, com os valores a aumentarem com o fim deste período especial.

A consequência para a indústria conserveira é que as fábricas trabalhavam entre a cinco a sete meses, num total de doze que um ano civil têm. Para os proprietários das indústrias, uma imprevisibilidade tão notória, quer na quantidade de matéria-prima, como nos preços da mesma, causava transtornos grandes na produção.

Para auxiliar os pescadores, no dia 11 de janeiro de 1942, em plena Segunda Guerra Mundial, a Casa dos Pescadores (com uma função semelhante às Casa do Povo, construídas no interior rural de Portugal) foi aberta ao público, no local onde anteriormente se situava a Associação dos Trabalhadores do Mar de Setúbal.

Na inauguração das instalações, esteve presente o comandante Henrique Tenreiro, presidente da Junta Central das Casas dos Pescadores, que administrava as Casas dos Pescadores de todo o país, com o capitão do porto de Setúbal, chefe administrativo da Capitania do Porto de Setúbal, o comandante Sá Linhares, a declarar no discurso de

[44] Jornal *A Indústria*, fevereiro de 1941.

inauguração, as seguintes palavras: "Era necessário, em cumprimento da ordem do chefe, [António de Oliveira Salazar] criar-se em Setúbal uma verdadeira casa dos Pescadores"[45].

2.2 – A indústria conserveira de peixe em Setúbal nos anos 1930

A década de 1930 foi marcada pela "Grande Depressão", originada nos Estados Unidos da América, resultado de uma enorme desvalorização das ações na Bolsa de Nova Iorque, no dia 24 de outubro de 1929, que ficou conhecido como a "Quinta-Feira Negra". As repercussões económicas espalharam-se por todo o mundo, com a crise económica a durar até 1934 e, em alguns países, a perdurar praticamente durante toda a década de 30.

No caso português, os efeitos económico-financeiros da crise foram suavizados devido ao subdesenvolvimento industrial do país e à limitada abertura para com o comércio externo[46]. Porém, as exportações de conserva de peixe acabaram por ser o setor da economia portuguesa mais afetado pela crise económica, originária do outro lado do Oceano Atlântico.

Para piorar a situação, não foi só o volume de conservas exportadas que diminui. O preço de venda para o estrangeiro desvalorizou, com cada tonelada de latas de conserva a ver diminuído o seu valor. Entre 1929 e 1933, o valor foi reduzido em 1.200$00 escudos, ou seja, menos 30$00 escudos por cada caixote de 100 latas de conserva. Muitas fábricas acabaram por falir e ir a hasta pública, como o exemplo da fábrica "Oceana", no verão de 1930, onde foram precisos três leilões, com o último a ocorrer sem valor mínimo determinado, o que evidencia o desespero em vender o imóvel.

Todavia, no meio deste contexto socioeconómico difícil, no dia 27 de julho de 1930, foi inaugurada, na Avenida Luísa Todi, a Exposição Regional de Setúbal, contando com a presença do presidente da República General Óscar Carmona. Aproveitando a ocasião, foi também colocada a primeira pedra para o começo das obras de construção do moderno porto de Setúbal e o início da distribuição de energia elétrica à cidade, isto apesar

[45] Lopes, José Manuel Madureira; e Pereira, Alberto Manuel de Sousa (2015). *A Indústria das Conservas de Peixe em Setúbal*, Editora Estuário, p. 57.
[46] Um estudo sobre este assunto pode ser consultado no livro *O Estado Novo Nos Anos Trinta,* da autoria de Fernando Rosas, citado na Bibliografia.

de muitas casas continuarem a não ter eletricidade, no seu interior, acontecimentos que tiveram igualmente a participação do Presidente da República.

A Exposição Regional de Setúbal prolongou-se até ao mês de setembro desse ano, onde decorreram variadíssimas atividades artísticas, socioculturais e desportivas, envolvendo imensos recursos humanos e monetários, a ponto de nunca mais se ter realizado uma exposição de tal dimensão em Setúbal. Tornou-se numa espécie de *Exposição do Mundo* Português de 1940, mas adaptada à realidade da região e do distrito de Setúbal[47].

Apesar desta exposição, a situação económica e social continuava complicada, com a chegada de pessoas de outras regiões de Portugal, em especial do Algarve e da região de Aveiro. O Governo Civil decidiu criar um concurso para que indivíduos, nas suas residências concedessem comida a crianças necessitadas dos 3 aos 10 anos de idade, de modo a proporcionar refeições aos menores de 3 anos (incluindo bebés), através da Santa Casa da Misericórdia de Setúbal.

O comité administrativo da Câmara Municipal de Setúbal só assumiu funções em abril de 1931, onde cinco dos sete elementos, entre os quais o presidente da Câmara, eram militares, o que revelava ainda a enorme influência dos militares, na sociedade sadina e portuguesa, resultado do golpe militar de 1926 e da instauração da Ditadura Militar. O município defrontava-se com grandes dividas, possuindo um valor de dívidas contabilizadas entre 10.000 a 15.000 contos, decorrentes de "banquetes, homenagens, excursões, etc", como o jornal *A Indústria*, na edição do dia 17 de abril de 1931 referia.

Para se ter noção da atividade da indústria conserveira, neste período histórico, um artigo do fabricante José Gago da Silva, publicado no jornal *O Setubalense*, o periódico com maior circulação e publicação na Região de Setúbal, no mês de agosto desse ano, onde eram descritos os custos e lucros de produção. Deu como exemplo de estudo uma unidade industrial que fabricasse 15 mil caixas por ano. A nível do imóvel, as instalações onde se encontrava a fábrica, e máquinas, as despesas ascendiam a 55.520 $ escudos, que seriam pagos, ao longo de 12 anos, com uma taxa de juro de 8%. Depois, os custos das prestações, obras de reparação e administradores e pessoal de escritório rondavam os 150.920 $ escudos. Em seguida, a aquisição de 100 latas, que correspondia

[47] A Exposição do Mundo Português de 1940 foi até a Exposição Universal de 1998 – Expo 98, a maior exposição em território nacional.

a uma caixa. Tal permite calcular quantas latas eram produzidas anualmente: cerca de 1 500 000 latas, correspondendo a 15 000 x 100. Tal obrigava a um gasto de 10$06 escudos, mais o dinheiro do peixe para enlatar, custando mais 25$00 escudos e a mão-de-obra na caixa, que rondava os 10$00 escudos. O total do passivo financeiro era de 99$00 escudos por cada caixote, ou ainda 1.485.900$00 escudos, se acrescentamos o preço do azeite.

Como nesse período as latas de conserva eram vendidas a 70$00 escudos por caixa, o lucro total era de 1.050.000$00 escudos, representando uma despesa de 435.900$00 escudos, caso as latas tivessem recebido azeite no seu interior. Se em vez do azeite, fosse óleo vegetal a ser colocado no interior das latas, as dívidas atingiam cerca de 410.900$00 escudos.

Outro problema era a quantia monetária despendida pelo peixe, por canastra, o cesto tradicional em que os descarregadores transportavam o peixe, desde o desembarque nas docas até as fábricas de conserva, que variava muito consoante a região do país.

No Algarve, o preço era de 37$00 escudos, em Setúbal 35$00 escudos e 36$00 escudos na capital, Lisboa, e em Matosinhos. No final do seu artigo, onde afirmava que existiam fabricantes de conserva a comercializar caixotes a 60$00 escudos, questionava como era possível manter a viabilidade da indústria conserveira em Portugal.

Na sua ótica, a resolução destes problemas, segundo as suas palavras, passava pela "união e nada mais", de forma a pôr fim á especulação.

Na mesma época, o ministro das Finanças, António de Oliveira Salazar, era questionado praticamente todos os dias com as dificuldades dos fabricantes da indústria conserveira de víveres marinhos, desde peixe, incluindo moluscos, como chocos e lulas, e dos armadores dos portos. Para resolver os problemas, decidiu estudar o tema e visitou várias fábricas, questionando patrões e proprietários das indústrias, com o objetivo de apresentar um ensaio, onde iria expor os procedimentos a tomar, para acabar com a "crise" neste setor da economia.

Depois de examinar as fábricas algarvias e de Peniche, no dia 25 de novembro de 1931, Salazar visita as indústrias de conserva setubalenses, onde viu as instalações da fábrica "Arrábida", da empresa Santos, Gomes, Gamito & Cª, a "Diana" dos proprietários F.M. Lino da Silva, Lda. e a "Productora" da firma Matias Perienes, Lda., anotando os

valores da venda das latas de conserva, os salários dos trabalhadores, as aquisições de matéria-prima, assim como detalhes da produção.

O jornal *A Indústria*, periódico associado aos donos e patrões de fábricas conserveiras da região de Setúbal, referiu nas suas páginas, dias mais tarde, o seguinte: "Agora que um homem de envergadura moral, superiormente iluminado, de pulso forte, de boa vontade, resoluto e sem tibiezas, vem até às fábricas (…) é matéria para redobrar o ânimo".

No final desse ano, a 8 de dezembro, a análise do ministro das Finanças foi divulgada em vários jornais e periódicos [48]. Com o título "Notas Sobre a Indústria e o Comércio de Conservas de Peixe", a análise apresentava uma introdução e duas partes. O primeiro capítulo continha a visão de Salazar sobre a situação da indústria portuguesa, com o segundo capítulo, dividido em 10 subcapítulos, a revelar as adversidades deste setor económico e revelando soluções, considerando que o atraso na indústria em Portugal era um dos maiores entraves para o desenvolvimento do país[49].

Os proprietários, na sua maioria, consideraram esta exposição do ministro Salazar, como uma análise excelente do contexto do desenvolvimento industrial português, naquele período histórico, ao ponto de muitos donos de fábricas e empresários acharem que aplicando as ideias de Salazar, os problemas no setor industrial seriam resolvidos.

O futuro primeiro-ministro e presidente do Conselho de Ministros propôs a criação de uma entidade, contando com a ingerência do Estado Português, de forma a equilibrar a atividade industrial, pondo fim à produção de modelos de latas pequenos, padronizando o seu tamanho, aplicar coimas a quem vendesse a um valor monetário abaixo dos custos de produção e investir na divulgação de produtos de origem nacional.

Mas a medida que vai ter mais consequências negativas para a indústria conserveira setubalense é o encerramento das fábricas, durante o Inverno, para impedir o fabrico de conserva com a utilização de peixes com reduzido peso e como tal considerados magros. Este período, denominado de «defeso» era benéfico só para as fábricas conserveiras da Região Norte de Portugal, pelo facto de que enquanto a indústria

[48] Os dados apresentados foram publicados na revista *Indústria Portuguesa*, que é referida na Bibliografia.
[49] Datado de 7 de dezembro de 1931, foi publicado posteriormente. Ver: Salazar, António de Oliveira (1953). *Estudo do Sr. Doutor Oliveira Salazar. Notas sobre a Indústria e o Comércio de Conservas de Peixe*. Lisboa: Astória lda, artes gráficas.

de conservas estava parada, no Inverno, os trabalhadores deslocavam-se para as suas propriedades agrícolas, trabalhando no campo. Ao mesmo tempo, os donos das indústrias comercializavam os artigos que estavam guardados nos armazéns, com a produção a recomeçar na Primavera, altura em que os trabalhadores regressavam às fábricas.

Na região de Setúbal e do Algarve, os operários não tinham outro trabalho, para além de estarem empregados nas fábricas conserveiras, sendo impossível viver, ou melhor, sobreviver esses meses sem qualquer tipo de atividade laboral. A esta situação, juntava-se a falta de representatividade da indústria conserveira setubalense, como ficou demonstrado na reunião do dia 16 de dezembro de 1931, realizada na sede da Associação Industrial Portuguesa, onde industriais de "industriais conserveiros de todo o país se reuniram para apreciarem o trabalho industrial e sobre ele emitirem parecer".

A reunião foi conduzida por Sebastião Ramires, sócio da renomada firma Ramirez de conservas de peixe, assim como presidente da Secção de Conservas da Associação Industrial, que requereu dois delegados das fábricas da Região Norte (Póvoa do Varzim e Matosinhos) e Centro (Peniche) de Portugal, mas nenhum mandatário oriundo de Setúbal.

Durante essa assembleia foi abordado qual seria o tempo de defeso, com os produtores conserveiros da zona Norte do país a defender quatro meses de interrupção de fabrico de conservas. No final, considerou-se que o facto de milhares de operários em Setúbal e no Algarve ficarem meses sem trabalho era uma questão social a ser analisada posteriormente, pelo que o período de defeso de quatro meses foi aprovado, começando a ser executado no ano seguinte, em 1932.

A principal causa de não existir um delegado a representar as fábricas conserveiras setubalenses estava relacionado com a origem dos proprietários das indústrias conserveiras. Na Região Norte (Póvoa do Varzim e Matosinhos) e do Algarve, os donos das fábricas eram filhos ou netos de nobres ou fidalgos ou de empresários que tinham enriquecido bastante. Já na Região de Setúbal, os fabricantes eram muitas vezes ex-operários, que através do seu trabalho e esforço assumiram a gerência das fábricas, sendo por isso vistos com muita indiferença pelos ricos gerentes da indústria conserveira do Norte de Portugal e do Algarve.

2.3 – Proprietários e trabalhadores da indústria conserveira. Condições de trabalho

Os incêndios nas Fábricas de Conserva de Peixe

As instalações fabris onde eram produzidas as conservas de peixe em Setúbal, possuíam más condições de trabalho, com pouca salubridade e fraca ventilação, o que levava a acumulação de gases inflamáveis, potenciando a ocorrência de incêndios.[50]

Para além disso, subprodutos da atividade como serradura, carvão e azeite, e a existência de telhados totalmente construídos em madeira, aumentavam o risco de incêndio no interior das fábricas.

Como consequência, casualmente havia fábricas que sofriam conflagrações, algumas originadas por acidentes, outras por mão criminosa, principalmente quando o proprietário da fábrica ficava incapaz de liquidar as suas dívidas (a famosa "falência financeira"), recorrendo a destruição dos equipamentos, como forma de conseguir uma indemnização por parte de uma seguradora.

Na Região de Setúbal, o primeiro caso descrito de uma fábrica de conservas a arder ocorreu no dia 31 de maio de 1898, aproximadamente por volta da uma hora da madrugada, na Fábrica São José, da empresa Joseph Pierre Chancerelle, que se encontrava sob posse na altura dos herdeiros de F. Mendonça[51]. Toda a estrutura ardeu, incluindo o peixe armazenado e o azeite, resultando em danos avultados, na ordem dos 100 contos de réis. Para além demais, o seguro dos equipamentos estava determinado em 80 contos, pelo que não cobria todos os prejuízos decorrentes do incêndio.

Mais tarde, em outubro de 1909, a fábrica *António Ascensão & C^{a}*, sofreu também um incêndio, que se iniciou durante a madrugada, acabando por causar danos reduzidos, pelo fato de ter sido controlado rapidamente. A empresa estava penhorada, como forma de garantir o pagamento das dívidas, por parte do proprietário.

[50] Lopes, José Manuel Madureira; e Pereira, Alberto Manuel de Sousa (2015). A Indústria das Conservas de Peixe em Setúbal, Editora Estuário, p. 159.
[51] Lopes, José Manuel Madureira; e Pereira, Alberto Manuel de Sousa (2015). *A Indústria das Conservas de Peixe em Setúbal*, Editora Estuário, p. 159.

Foram várias as instalações que sofreram incêndios provocados pelo proprietário, como forma de obter dinheiro do seguro e soldar as dívidas existentes, com os trabalhadores a serem os mais prejudicados, tendo o seu local de trabalho destruído e o emprego perdido, passando para a situação de desempregado ou desempregada.

Neste período histórico, não existiam compensações financeiras para os trabalhadores, quando a fábrica de conservas ficava gravemente danificada e em ruínas. Apenas o empresário recebia dinheiro do seguro dos equipamentos, com os operários a ficar de "mãos a abanar" (como diz a expressão popular), sem trabalho, numa situação de completa carestia e pobreza.

Como resumo, ao longo de 8 décadas, ocorreram 30 incêndios em fábricas que estavam em atividade (por vezes, havia incêndios em fábricas já sem produção), com as décadas de 1920 e 1930, a serem as mais desastrosas para a indústria conserveira setubalense. Muitas das indústrias que ardiam, tinham sido construídas no período da I Guerra Mundial de forma muita apressada, com os proprietários a ficarem bastante endividados, terminado o conflito mundial.

Como forma de pagarem as dívidas e obterem dinheiro, através do seguro, eram ateados incêndios nas instalações, uma prática constante e desonesta para com os trabalhadores operários, que ficavam no desemprego. Um dado que comprova isto é que a maioria das ocorrências (50%, ou seja 15 dos 30 fogos) eram declaradas entre a meia-noite e as 4 horas da madrugada, quando praticamente ninguém se encontrava nas instalações fabris. Num relatório de um chefe dos Bombeiros Voluntários de Setúbal, da década de 1930, revela a forma como os industriais efetuavam o fogo posto. Em conluio com um trabalhador da sua confiança, após o jantar, dirigiam-se à fábrica e colocavam montes de serradura e produtos da atividade conserveira, como tecidos e madeira, com azeite a ser lançado, como catalisador da combustão. No fim, colocava-se uma vela a arder. Terminado todo o processo, abandonavam as instalações e iam para uma rua ou praça central da cidade, como forma de não serem indiciados pelo crime. Com o tempo, a vela ardia e despoletava a combustão de todo o material que tinha sido colocado no interior. Em pouco tempo, a fábrica era um "mar de chamas" e a água usada pelos bombeiros para apagar o incêndio, destruía as provas que eventualmente podiam incriminar o dono da fábrica, tendo em conta que a investigação criminal em Portugal naquela altura, não estava muito desenvolvida.

Os sindicatos nacionais

Aprovado o decreto-lei n.º 23.050, do dia 23 de setembro de 1933, que teve como principal consequência, a reestruturação dos sindicatos, deixando de serem livre e passando a estar sob controlo das autoridades, segundo os princípios do corporativismo, um dos pilares fundamentais do novo regime socioeconómico e político em Portugal, o autoritário Estado Novo..

Em relação à indústria conserveira, foi concebido um único sindicato que abrangia todo o Distrito de Setúbal, criado alguns anos antes, que tinha como função abranger todos os trabalhadores das várias fábricas conserveiras do Distrito. Uma das primeiras medidas (e muito polémica) foi a remoção de toda a documentação existente da outrora sede da Associação de Soldadores, transportada para local desconhecido ou destruída, representado uma grande perda histórica.

Passados alguns meses, no dia 23 de março de 1934, na Sala de Sessões dos Paços do Concelho, três operários, representando os soldadores, os operários e operárias, foram solicitados para avaliar os recém-criados estatutos do novo Sindicato Nacional dos Operários da Indústria do Distrito de Setúbal. Curiosamente, houve o cuidado de permitir que uma mulher representasse as operárias, estando ao mesmo nível de negociação que os outros dois operários, muito provavelmente para fins propagandísticos do regime salazarista, numa altura em que tinha deixado de ser proibido para as mulheres votarem, apesar de continuarem a existir restrições (apenas certas mulheres conotadas ideologicamente com o regime é que podiam votar para a escolha dos deputados da Assembleia Nacional).

O grupo de trabalho estivera reunido com o enviado distrital do Instituto do Trabalho e Previdência Social (I.T.P.S), estabelecendo que a sede do novo sindicato, na morada ao lado do Grande Salão Recreio do Povo, onde chegou a existir a Ex-Associação dos Soldadores.

Imagem 5 - Sindicato de operários da indústria de conserva – grupo de operárias e delegado do sindicato, Abel Mesquita, 4 de março de 1939 (data do registo da imagem). Imagem e legenda de Américo Ribeiro.



Fonte: AR588. Reprodução digital feita a partir de negativo de gelatina em vidro 9x12 cm. Coleção Américo Ribeiro. Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro. SMBM. DCED. Câmara Municipal de Setúbal.

A Revolta dos Marinheiros da Armada Portuguesa e o despoletar da Guerra Civil Espanhola, no ano de 1936, originaram preocupação para a liderança política do Estado Novo, devido ao receio da divulgação de ideais comunistas na população e sociedade setubalense e portuguesa. Nesse sentido, o regime respondeu, aprovando o famoso Decreto-Lei n.º 27.003, do dia 14 de setembro de 1936[52], que criava um juramento anticomunista, seguido de outras medidas, como o desenvolvimento e criação da Legião Portuguesa.

[52] O Decreto-Lei n.º 27.003 foi anunciado no *Diário da República*, n.º 216 do dia 14 de setembro de 1936.

Ao estabelecer novos Contratos Coletivos de Trabalho, o Estado Novo procurava fortalecer a relação com os operários conserveiros, concedendo isenções e direitos nunca atribuídos a este grupo social e laboral. Entre estas medidas, estava a definição e redução dos horários de trabalho, obrigação de introduzir algumas medidas de segurança e higiene nas fábricas, salário fixo para todo o ano e o pagamento de duas semanas de salário, durante o *defeso* (altura do ano em que os barcos de pesca não saem para pescar, como forma de permitir a renovação das quotas de peixe).

O principal motivo da implementação destas medidas era diminuir o risco de adesão dos trabalhadores a potenciais contestações contra os empresários conserveiros e as autoridades, por melhoria de condições de emprego, dificultando a ação do Partido Comunista Português (PCP, clandestino) na sua oposição contra o regime salazarista. Também serviam de propaganda política, dando a ideia de que o Governo português se preocupava com os operários conserveiros.

Posteriormente, no ano de 1940, os estatutos do sindicato foram alterados, pois os que estavam em vigor tinham sido criados ainda na primeira metade da década de 1930. A principal mudança efetuada, algo que nos dias de hoje seria completamente inaceitável, mas importante para o controlo do Estado Novo, em relação aos sindicatos, consistiu na criação do Artigo nº 10, que dizia o seguinte: "O sindicato repudia o princípio da luta de classes e toda a manifestação interna ou externa contrária aos interesses da Nação portuguesa".[53]

Para além disso, o valor da caução de inscrição no sindicato (designada de "joia de inscrição") foi estabelecido em 20$00 escudos, sendo que a contribuição semanal foi fixada em $50 centavos para os trabalhadores sazonais (que estavam empregados apenas durante alguns meses) e de um 1$00 escudo para os trabalhadores que faziam parte do quadro da empresa.

Outro artigo interessante era o 41.º, no qual qualquer membro da corporação sindical deveria informar, de forma antecipada, o delegado da INTP (Instituto Nacional do Trabalho e Previdência) sobre a hora e o dia das assembleias gerais, descrevendo quais os motivos dessa mesma assembleia. Se isto não fosse efetuado, a realização da assembleia geral não poderia ser autorizada pelas autoridades.

---

[53] Lopes, José Manuel Madureira; e Pereira, Alberto Manuel de Sousa (2015). *A Indústria das Conservas de Peixe em Setúbal*, Editora Estuário, p. 252.

Como é possível verificar, os "sindicatos nacionais" existiam basicamente, como forma de propaganda política do regime salazarista. Por exemplo, por volta de abril de 1943, com a imposição do racionamento de bens essenciais e a enorme dificuldade na obtenção e manutenção de emprego, o Governador-Civil do Distrito de Setúbal visitou o Sindicato, com a presença do delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência e de administradores do Grémio e do Sindicato. Durante essa reunião, foram discutidas as dificuldades impostas pela Segunda Guerra Mundial, as políticas socioeconómicas do executivo de António de Oliveira Salazar (que eram desagradáveis, mas importantes para manter a neutralidade do país no conflito mundial) e a falta de bens alimentares, dizendo-se que era originada pelo egoísmo de determinadas pessoas.

O Sindicato tinha também como património, uma biblioteca que recebia vários periódicos, alguns relacionados com a atividade sindical, como o *Acção* e o *Diário da Manhã*, publicados em Lisboa e os jornais *O Setubalense, A Indústria* (jornal sindical), *O Sado e o Vitória,* publicados em Setúbal. De todos esses periódicos, o *Diário da Manhã* era o único com tiragem diária, pois era um jornal oficial, associado a União Nacional, um único partido autorizado pelo regime do Estado Novo.

Os ordenados dos membros do Sindicato, segundo valores de 1945, variam desde o Chefe de Secretaria, que recebia 1 200$ de vencimento até as mulheres da limpeza, que possuíam um ordenado de apenas 100$.

Além da sede em Setúbal, existiam também delegações noutros concelhos da região. Em 1935, é criada uma representação em Almada, com o objetivo de conceder apoio às indústrias conserveiras de Sesimbra e Seixal. Passados seis anos, essa delegação passou a ter serviços médicos e um especialista que efetuava aconselhamento sobre leis e regulamentos, tendo 344 sócios e lucro nas contas financeiras.

2.4- As dificuldades da Indústria Conserveira nos anos 1930

A indústria de conservas em Setúbal atravessou um período difícil, durante os anos 30 do século passado. Na edição do dia 25 de maio de 1940, do seminário regional associado aos proprietários fabris *A Indústria*, pode ler-se, na segunda página, um artigo intitulado "A situação da Pesca em Setúbal", onde são referenciados os problemas não só da

indústria conserveira, como também da atividade piscatória da região, pois esta fornecia a matéria-prima para a produção das conservas.

O reduzido número de artes de pesca não abastecia regularmente as fábricas setubalenses. Para além disso, as poucas artes disponíveis iam fornecer peixe a outros centros de produção, o que resultava em poucos meses de laboração por partes das fábricas conserveiras, como o seguinte excerto demostra:

> "Desde que a indústria local tenha de viver na actual situação, em que o número de artes de pesca é absolutamente insuficiente para regularmente a abastecer, e em que ainda essas poucas existentes se deslocam, indo fornecer outros Centros, ao sabor das conveniências de momento dos seus proprietários[…] apenas se trabalhe com certa normalidade, em Setúbal, três e , quanto muito, quatro meses no ano, esse problema tem de, forçosamente, dominar todos os outros".[54]

Como consequência, a produção diminui ao longo do decénio, em particular na segunda metade da década de 30, como os dados apresentados na notícia revelam:

1935……1 086 616 caixas produzidas.
1936……. 712 143
1937……. 677 173
1938……. 391 565
1939……. 473 008 [55]

Enquanto em 1935, as fábricas sadinas produziam 40% do total nacional, em 1939, esse valor reduz-se para apenas 23%. Esta situação de crise levava os donos das fábricas ao desespero, ansiando que o governo alterasse a situação, em especial aumentando o número de barcos e de artes de pesca disponíveis para o porto de Setúbal.

Com o início do conflito mundial emergiu outro problema, que foi a falta considerável de folha-de-flandres, um tipo de aço com reduzida quantidade de carbono, sendo bastante resistente à corrosão e ideal para fabricar as latas onde seriam colocados os filetes de peixe de sardinha ou de outro tipo de pescado. Para tentar resolver esta situação, originada pela disrupção das rotas comerciais, afetadas pelos ataques submarinos dos países beligerantes, em especial da Alemanha Nazi, começou a pensar-se

[54] Jornal *A Indústria,* do dia 25 de maio de 1940, p. 2.
[55] Jornal *A Indústria,* do dia 25 de maio de 1940, p. 2.

na diminuição da dependência da importação deste vital produto, porque sem metal era impossível fazer latas de conservas. Relembre-se que é possível conservar alimentos em recipientes de vidro, porém os produtos oriundos do mar ficam mais bem conservados em invólucros de metal.

Como consequência, o Governo português criou a Comissão Reguladora do Comércio dos Metais, para fiscalizar a exportação de tungsténio (designado também por volfrâmio). No final do ano de 1940, mais concretamente a partir de novembro, as quantidades disponíveis de estanho e de folha-de-flandres começaram a reduzir, com o valor de um caixote de folha-de-flandres a atingir os 360 escudos que, mais com a taxa de 33% aplicada pela Comissão Reguladora do Comércio dos Metais, elevava o preço para 480 escudos.

A situação era de tal forma prejudicial para a indústria conserveira e o desenvolvimento socioeconómico sadino que no principal jornal da região, *O Setubalense*, do dia 11 de novembro desse ano, num texto de opinião, evidenciava-se o problema desta forma: "Há um mês, o estanho nacional que tinha o preço de 30$00 escudos por kg passou para 47$50. E porquê? Assim a comissão não é reguladora nem é benéfica."[56]

Uma das principais justificações para esta crise da falta de folha-de-flandres estava associado com a configuração dos organismos corporativos patronais, criados pelo Estatuto do Trabalho Nacional (E.T.N) de 1933, envolvendo gastos com os funcionários, resultando na aprovação de taxas sobre os artigos.

Na edição do já referido jornal *A Indústria*, de 2 de março de 1940[57], é publicado um estudo do Professor Charles Lepierre, anteriormente divulgado na revista de Engenharia dos alunos do Instituto Superior Técnico - I.S.T, *Técnica*, onde se apela à produção de folha-de-flandres no território português, tendo em conta que Portugal fabricava estanho, com a poupança de dezenas de milhares de contos, como o seguinte excerto expõe:

> A indústria da folha estanhada não existe em Portugal. Contudo, ao eminente professor, ela afigura-se viável, tendo já mais duma vez chamado a atenção para o assunto. Portugal produz estanho, bastando importar ferro, como fazem outras nações, a Noruega, a Itália, por exemplo; a França, a Inglaterra, a Alemanha, os

[56] Jornal *O Setubalense,* do dia 11 de novembro de 1940.
[57] Jornal *A Indústria,* do dia 2 de março de 1940, primeira página.

> Estados Unidos, importam apenas o estanho. A montagem da indústria da folha de ferro estanhada em Portugal evitaria a exportação de algumas dezenas de milhar de contos para o estrangeiro[58]

As tempestades que afetavam a região de Setúbal durante a Segunda Guerra Mundial, como o famoso "Ciclone de 1941", também contribuíam para que o fabrico tivesse sido suspenso, piorando a situação económica da indústria conserveira. Até os próprios operários conserveiros criticam a situação vivida, como este texto de opinião do operário António Gomes Salmoura, na edição do jornal *O Conserveiro – Órgão dos Sindicatos Nacionais dos Operários da Indústria de Conservas de Portugal*, do dia 13 de abril de 1939[59], que evidencia o poder dos interesses económicos, sobre as prioridades dos trabalhadores.

Na edição seguinte, a 15 de abril de 1939, na capa do jornal[60], são assinalados os dez anos da existência do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas do Distrito de Setúbal, sendo referidos os progressos realizados, onde o governo de António de Oliveira Salazar é muito elogiado, algo que demostra um certo desfasamento com a realidade no terreno, sendo notório o teor propagandístico do artigo, como este trecho apresenta:

> Os operários conserveiros sentem-se satisfeitos com o Governo da Nação, porque se não fôra ele talvez se tornasse impossível os mesmos hoje disfrutarem certas e determinadas garantias que a legislação corporativa lhes garante, e dentro dos dez anos de atividade sindical sabem bem quanto de esforço e carinho se é preciso dedicara uma **causa** para que ela produza bons frutos[61].

Em conclusão, mesmo com todas estas dificuldades, a produção aumentou ligeiramente ao longo do período da Segunda Guerra Mundial, de acordo com o afirmado na palestra do Dr. Guilherme Faria, na Câmara Municipal de Setúbal, no dia 30 de novembro de 1949[62], demonstrando, com os valores de exportação a passarem de 9.100 toneladas, no quinquénio de 1936-1940, para 11.500, no quinquénio de 1941-1945, tendo

[58] Jornal *A Indústria,* do dia 2 de março de 1940, pp. 1 e 2.
[59] Jornal *O Conserveiro – Órgão dos Sindicatos Nacionais dos Operários da Indústria de Conservas de Portugal,* do dia 13 de abril de 1939, p. 2.
[60] Jornal *O Conserveiro – Órgão dos Sindicatos Nacionais dos Operários da Indústria de Conservas de Portugal,* do dia 15 de abril de 1939, capa.
[61] Jornal *O Conserveiro* – Órgão dos Sindicatos Nacionais dos Operários da Indústria de Conservas de Portugal do dia 15 de abril de 1939, capa.
[62] Faria, Guilherme (1950). *Setúbal e a Indústria de Conserva*, Setúbal: Tip. Orfanato Municipal, p. 24.

a percentagem de produto sadino exportado, em comparação ao total nacional, aumentado de 21,9 % (entre 1936-1940) para 26,6% (entre 1941-1945).

Outro aspeto eram os constantes obstáculos apresentados pelo sistema corporativista. Num artigo, da autoria de Martins Cruz e publicado numa edição do *O Setubalense*, de novembro de 1944, intitulado "Empecilhos do Corporativismo", o jornalista declarava que existiam muitos problemas, alguns que não eram responsabilidade do sistema económico. Porém havia determinadas dificuldades resultantes da burocracia das organizações corporativas e até da própria incompetência dos responsáveis, mencionando que a teoria corporativista era boa teoricamente, mas na "realidade do terreno" (na prática) verificava-se outra coisa, como este excerto do artigo demostra: "A sua maior deficiência é a falta de um corpo de dirigentes nos organismos de função intermédia"[63].

No relatório do ano económico de 1944, da *Junta Autónoma das Obras do Porto e Barra de Setúbal e o Rio Sado*, era referido que a quantidade de pescado (tanto de sardinha como de outro tipo de peixes) tinha diminuído, sofrendo uma redução de 15 por cento. E o cenário só não se tornou pior, porque barcos oriundos de Matosinhos vieram a Setúbal vender o peixe obtido na sua costa, tendo em conta que no mês de novembro e dezembro, houve uma diminuição quase total da quantidade de sardinha disponível, na costa o oeste da Península de Troia.

A vinda das traineiras do Norte de Portugal acabou por reduzir os efeitos desta falta considerável de sardinha (e outros peixes) disponível, sendo propostas alterações na forma como era realizada a pesca em Portugal, com o objetivo de o pescado que existisse em grandes quantidades na costa de Portugal fosse transportado para ser aproveitado e processado em condições nas várias fábricas de conversas do território nacional, como ficou descrito nesta apresentação de contas:

> Em resultado da quase ausência de sardinha na Costa de Setúbal, pela primeira vez, no mês de novembro e principalmente em dezembro, traineiras de Matosinhos vieram a Setúbal vender o seu peixe, parece que com bom resultado, a despeito do tempo gasto na viagem e dos elevados gastos de combustível. Deve-se à vinda destes barcos o não ter sido mais grave a situação da cidade relacionada com a indústria de conservas e o facto veio talvez pôr um novo problema, qual será o da necessidade de remodelar e modernizar o sistema de pesca e de barcos, no sentido de permitir que o

[63] Jornal *O Setubalense* de novembro de 1944.

> peixe que abunde em determinados pontos da costa portuguesa possa ser transportado a outros pontos, em boas condições de aproveitamento industrial.[64]

Em relação à exportação, foram enviadas em 1943, 100 780 quilogramas de óleo de peixe, com o valor de 2 597 contos. Nesse mesmo ano, a partir do Porto de Setúbal, foram comercializadas para o estrangeiro, 5 300 257 quilogramas de conservas de peixe, que renderam 64 156 085 $ escudos (64 156 contos de escudos, segundo a terminologia da época). Um ano depois, a quantidade de peixe comercializado para fora de Portugal foi praticamente a mesma, rondando 5 600 971 quilogramas de conservas de peixe, mas obtendo lucros superiores, com o valor de 80 151 683 $ escudos (80 151 contos de escudos).

Neste relatório é abordado o movimento total financeiro do Porto em 1944, com 47 461 toneladas de mercadorias desembarcadas, que criou lucros, na ordem de 28 706 contos de escudos e 26 497 toneladas de mercadorias embarcadas, que originaram 91 025 contos de escudos de lucros. No total, somando a tonelagem da mercadoria embarcada e desmarcada e os rendimentos obtidos, nesse ano, o movimento de mercadoria foi de 73 958 toneladas, resultando em ganhos financeiros de 119 731 contos de escudos.

Para além do registo do movimento de mercadorias, é analisado nesta exposição do ano económico de 1944 do porto de Setúbal, o número de navios que entraram no Porto. Ao todo, atracaram 544 navios, possuindo um peso total de 111 488 toneladas. Dos 544 navios, 180 eram movidos a vapor e 364 à vela. É importante salientar que estes valores não referem o número e a tonelagem dos barcos-rebocadores, batelões e barcos de pesca movidos a vapor.

O navio com maiores dimensões e pessoas a entrar no porto de Setúbal, nesse ano, foi o navio a vapor *Cabo Verde*, com 4 696 toneladas brutas de arqueação.

Neste estudo, é descrito o número de embarcações que entraram no porto, entre 1938 e 1944 (inclusive):

1938……..601 navios com 582 588 toneladas

1939……..612 ……552 011……...

1940……..536…….295 204……

[64] Relatório do Ano Económico de 1944, da *Junta Autónoma das Obras do Porto e Barra de Setúbal e o Rio Sado,*

1941……..470…….166 156……

1942……..545…….126 457……

1943……..386…….117 108……

1944……..544…….111 488……[65]

[65] Relatório do Ano Económico de 1944, da Junta Autónoma das Obras do Porto e Barra de Setúbal e o Rio Sado. Direção Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos, Ministério das Obras Públicas e Comunicações – Cota 757/06, Arquivo dos Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra.

Capítulo 3 – A Indústria Conserveira de Setúbal no Contexto Internacional

3.1 – As exportações nos anos 1930 e no contexto da II Guerra Mundial.

Antes do conflito mundial começar, em 1938[66], elementos da organização de controle das atividades de lazer do povo alemão *Força pela Alegria* ("*Kraft durch Freude*", em alemão; semelhante ao organismo atualmente INATEL que durante o Estado Novo foi denominado FNAT), chegaram ao Porto de Lisboa, nos navios a vapor *Sierra Cordoba, Oreana* e *Oer Deusche*, visitaram as instalações da fábrica Viegas & Lopes, sendo recebidos de forma curiosa.

Imagem 6 - Elementos da organização alemã *Força pela Alegria ("Kraft durch Freude", em alemão)* que havia chegado a Lisboa nos vapores *Sierre Cordoba, Oreana* e *Oer Deusche*, visitando a fábrica de conservas de peixe de Setúbal, da firma *"Viegas & Lopes", 1938.*



Note-se, curiosamente, as mesas (feitas a partir de caixotes de madeira da indústria conserveira, sobrepostos) dispostos em cruz suástica (ou gamada) e os retratos do Marechal Óscar Fragoso Carmona

[66] Lopes, Madureira (2006). *Américo Ribeiro – Todos os Dias*, Livraria Hemus.

(Presidente da República Portuguesa, na altura), *Führer* ("líder supremo" da Alemanha Nazi) Adolf Hitler e o Dr. António de Oliveira Salazar (presidente do Conselho de Ministros e chefe de Governo português).
Fonte: Fotografia retirada do livro *"Américo Ribeiro – Todos os Dias"*, da autoria de Madureira Lopes e digitalização de Nuno Sousa (Corlito, artes gráficas), ed. novembro de 2006, Livraria *"Hemus"*, p. 167.

As mesas, construídas a partir de caixotes e sobrepostas, estavam colocadas, formando duas cruzes suásticas, com os retratos fotográficos do presidente da República Portuguesa marechal Óscar Fragoso Carmona, Adolf Hitler, *Führer* ("líder máximo") da Alemanha Nazi e de António de Oliveira Salazar, presidente do Conselho de Ministros português, numa parede criada de propósito para a ocasião, onde existiam cruzes suásticas feitas a partir de latas de conserva.

Imagem 7 - O exterior da Fábrica conserveira da Firma "Viegas & Lopes", durante a visita de elementos da organização "Força pela Alegria" ("Kraft durch Freude", em alemão), 1938.



Fonte: *Idem.*

Foram várias as missões internacionais que visitaram as fábricas setubalenses de conserva de peixe, durante o período da Segunda Guerra Mundial. O periódico *A Indústria*[67] fez várias referências sobre a exportação das conservas de peixe setubalenses, referindo os navios que mensalmente partiam do porto de Setúbal. Por exemplo, na edição de 25 de maio de 1940, existe uma secção do jornal dedicada a exportação de conservas, desde o dia 2 ao dia 24 de abril desse ano, referindo o nome dos navios que tinham sido carregados com conserva de peixe, a espécie de peixe conservado, a quantidade (em caixas e quilogramas de peso) e o porto de destino:

> Dia 2 - Pelo vapor *Thesens*: para Amsterdam 624 cx. sardinhas em conserva 9.690 kg; para Rotterdam 100 cx. sardinhas em conserva 1.200 kg. Total: 724 cx. sardinhas em conservas 10.890 kg.
>
> Dia 4 – Pelo vapor *Union* para Anvers 3.047 cx. sardinhas em conserva 57.371 kg e 10 cx. anchovas em conserva 125 kg; para Amsterdam 208 cx. sardinhas em conserva 3.829 kg. Total: 3.225 cx. sardinha em conserva 61.200 kg e 10 cx. anchovas em conserva 125 kg.[68]

Abril de 1940	Nome do Navio	Destino	Número de Caixas	Peso em quilogramas
Dia 2	*Thensens*	Amsterdam	624	9 690 kg
----------	----------	Rotterdam	100	1200 kg
Dia 4	*Union*	Anvers (atual Antuérpia)	3 047	57 371 kg
----------	----------	Amsterdam	3 225	61 200 kg
Total	----------	----------	6 996	129 461 kg

No início do mês de maio de 1940,[69] uma missão comercial francesa, liderada pelos empresários Langevin e Lartigue, esteve a ver as fábricas de sardinas, com o objetivo de comprar uma cota importante da produção de conservas de sardinha de

[67] Jornal *A Indústria*, 25 de maio de 1940.
[68] Jornal *A Indústria*, 25 de maio de 1940. Nota: cx. significa caixas.
[69] Jornal *A Indústria,* 14 de maio de 1940.

Setúbal. O Grémio dos Industriais de Conservas concedeu aos visitantes, um almoço no restaurante do *Clube Naval Setubalense*, com a presença da Direção e da Mesa da Assembleia Geral do Grémio, do vice-cônsul de França em Portugal, na época, o sr. Afonso O`Neill, o sr. François Trevidic, uma prestigiada figura da comunidade francesa que fez companhia a esta comitiva comercial, ao longo de toda a sua viagem pelos vários centros industriais conserveiros em Portugal, assim como um correspondente do jornal *A Indústria*, que publicou esta visita, na capa da edição do dia 14 de maio de 1940.

Em setembro de 1939, a Alemanha Nazi invadira a Polónia, dando início à Segunda Guerra Mundial. As principais consequências sentidas em Portugal foram desde logo o aumento do preço de produtos básicos, tais como o bacalhau, o arroz, o açúcar e a massa. Para reagir a esta inflação monetária, o Executivo português aprovou uma diretriz, onde afirmava que lojas que estivessem a desviar produtos seriam encerradas pelas autoridades.

Contudo, o valor monetário dos bens continuou a aumentar, em parte porque os donos de armazéns comerciais vendiam os produtos aos negociantes a retalho, cada vez mais caro. Desta forma, o poder de compra das famílias baixou imenso. Um facto curioso foi a redução do valor dos arrendamentos das habitações. Como as pessoas começaram a penhorar os seus bens, o arrendamento de casas tornou-se em algo secundário. Para além disso, muitos imóveis continuavam por alugar, mesmo sem existir crise na captura de peixe, ou seja, a quantidade de peixe era considerável e aceitável. Outros efeitos secundários do início do conflito mundial foi o fecho de muitas tabernas por dívidas às Finanças.

Ao longo da Segunda Guerra Mundial, os principais destinos internacionais da conserva de peixe produzida em Setúbal foram, os Portos de Antuérpia (Anvers, em francês), Hamburgo, Génova, Alexandria, Liverpool, Beirute (Beyrouth, na grafia antiga), Jaffa (atual Telavive, Israel), Bordéus, Rouen, Amsterdão (Amsterdam, na grafia antiga), Roterdão (*Rotterdam*, na grafia antiga), Marselha, atual cidade de Guquebera (antiga Port Elizabeth, na África do Sul), Constanta (Contatza, na grafia antiga), Port Louis (Ilhas Maurícia) e Larnaca (Grécia). Por conseguinte, o jornal sindicalista *A Indústria* publicava nas suas edições, todas as exportações de conservas de peixe do Porto de Setúbal ocorridas no mês anterior e os locais de destino, tal como este excerto mostra:

Na edição do dia 8 de abril de 1940 do periódico *A Indústria* refere-se:

"EXPORTAÇÃO DE CONSERVAS. SETÚBAL. Março.

Dia 9 – Pelo vapor Orpheus: para Amsterdam 375 cx[70]. sardinhas em conserva 7.025 kg.

março de 1940	Nome do Navio	Destino	Tipo de conserva de peixe	Número de caixas	Peso em quilogramas	
Dia 9	*Orpheus*	Amsterdam	Sardinhas em conserva	375	7 025	
Total	……	……	……..	375	7 025	

Dia 10 – Pelo vapor Libra: para Anvers [atualmente a designação desta cidade belga é Antuérpia] 2.136 cx. sardinhas em conserva 39.862 kg e 165 cx. filetes de cavala 3.795 kg., para Amsterdam 792 cx. sardinhas em conserva 8.712 kg., para Rotterdam 409 cx. idem 7.097 kg. Total: 3.337 cx. sardinhas em conserva 55.671 kg e 165 cx. filetes de cavala 3.795 kg.

março de 1940	Nome do Navio	Destino	Tipo de conserva de peixe	Número de caixas	Peso em quilogramas
Dia 10	*Libra*	Anvers (atual Antuérpia)	Sardinhas em conserva	2 136	39 862 kg
----------	-------	Anvers (atual Antuérpia)	Filetes de cavala	165	3 795 kg
----------	-------	Amsterdam	Sardinhas em conserva	792	8 712 kg
----------	-------	Rotterdam	Sardinhas em conserva	409	7 097 kg
Total (Sardinhas em conserva)	-------	----------	----------	3 337	55 671 kg
Total (Filetes de cavala)	-------	----------	----------	165	3 795 kg

[70] Cx: diminutivo de caixas (cada uma com cerca de 100 latas de conserva).

Pelo vapor Sidamo: para Génova 796 cx. sardinhas em conserva 17.640 kg, para Malta 200cx. idem 2.600 kg, para Haifa [atualmente parte de Israel] 400 cx. carapau em conserva 6.950 kg., para Tunis 514 cx. sardinhas em conserva 11.484 kg., para Bengazi 300 cx. idem 6.192 kg. Total: 1.810 cx. sardinhas em conserva 37.916 kg e 400 cx. carapau em conserva 6.950 kg.

março de 1940	Nome do Navio	Destino	Tipo de conserva de peixe	Número de caixas	Peso em quilogramas
Dia 10	*Sidamo*	Génova	Sardinhas em conserva	796	17 640 kg
----------	---------	Malta	Sardinhas em conserva	200	2 600 kg
----------	-------	Haifa (atual Israel)	Carapau em conserva	400	6 950 kg
----------	---------	Tunis (atual Tunísia)	Sardinhas em conserva	514	11 484 kg
----------	---------	Bengazi (atual Líbia)	Sardinha em conserva	300	6 192 kg
Total (Sardinhas em conserva)	---------	---------	----------	1 810	37 916 kg
Total (Carapau em conserva)	---------	---------	----------	400	6 950 kg

Dia 12 – Pelo vapor Tejo: para Bordéus 2.088 cx. sardinhas em conserva 42.919,5 kg., para Rouen [designação na grafia antiga portuguesa da cidade de Ruão, no norte de França] 115 cx. idem 2.070 kg., para Le Havre 115 cx. idem 2.970 kg. Total: 2.318 cx. sardinhas em conserva 47.959,5 kg".[71]

[71] Jornal sindicalista "A Indústria", edição do dia 8 de abril de 1940. Biblioteca Nacional.

março de 1940	Nome do Navio	Destino	Tipo de conserva de peixe	Número de caixas	Peso em quilogramas
Dia 12	*Tejo*	Bordéus	Sardinhas em conserva	2 088	42 919,5 kg
---	---	Rouen	Sardinha em conserva	115	2 070 kg
---	---	Le Havre	Sardinha em Conserva	115	2 970 kg
Total	---	---	---	2 318	47 959,5 kg

No Porto de Setúbal, a quantidade de produtos exportados em 1939 foi de 369 034 445 quilos. Contudo, no ano seguinte (1940), o montante foi menor, com 144 933 723 quilos exportados, verificando-se uma considerável redução, a partir do mês de maio, quando é iniciada a Invasão da França, por parte da Alemanha Nazi.

Com os portos franceses ocupados pelos alemães, a exportação de mercadorias é afetada, pois o acesso a estes portos fica condicionada. Apesar da redução do volume de exportações de mercadorias, ao longo do conflito, o valor aduaneiro das conservas de peixe nunca parou de aumentar pelo que as receitas cobradas pela Alfândega não sofreram com a diminuição da exportação.[72]

A cidade de Setúbal vai sentir intensamente o conflito mundial[73], sendo o povo a classe social a sofrer mais. A indústria conserveira, como principal setor secundário da cidade e uma das mais importantes atividades económicas, a par da pesca, ainda tentava recuperar dos difíceis anos da década de 1930.

Segundo o relatório do governador-civil do distrito de Setúbal, o capitão António Cardoso, publicado em março de 1940, no início da Segunda Guerra Mundial, a produção diminui, como comprova o seguinte excerto do parecer:

> Existem nesta cidade 43 fábricas em laboração, com a capacidade de produção calculada em cerca de um milhão e seiscentas caixas, anualmente. Mas, desde 1935

[72] Relatório do Ano Económico de 1945 da Junta Autónoma das Obras do Porto e Barra de Setúbal e do Rio Sado, Direção Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos, Ministério das Obras Públicas e Comunicações – Cota 757/06, Arquivo dos Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra.
[73] Alho, Albérico Afonso Costa (2021). *Setúbal sob o Estado Novo – A Resistência a Salazar – Vol. I (1933-1949),* Editora Estuário, Setúbal.

> que a produção efetiva vem diminuindo, em ritmo acelerado. De pouco mais de um milhão de caixas, naquele ano, (1 000 000), desceu-se a pouco mais de 390 000 em 1938 e, no último ano, a produção foi de 473 000 caixas.

O mesmo relatório mostra também a redução da produção da indústria conserveira setubalense, ao longo da segunda metade da década de 1930 de forma percentual, em comparação com o total nacional: "Se em 1935, Setúbal fez aproximadamente 40% da produção total do país, em 1939, concorreu apenas 23% dessa produção."[74]

Não obstante o crescimento na produção e nos ganhos financeiros, devido ao acréscimo na exportação para nações envolvidas na Segunda Guerra Mundial, como o Reino Unido, Alemanha Nazi e a Itália Fascista, entre outros, os problemas provenientes da década anterior continuam. Vários são os serviços e atividades socioeconómicas que serão afetados pelo decorrer da guerra, como a anterior análise do governador civil expôs: "o povo não compra porque não têm dinheiro; e, à parte o comércio de mercearia que se vai arrastando, o restante vive cheio de dificuldades, sentindo, dia-a-dia, o depauperamento do capital empregado."[75]

O aumento da taxa de desemprego, assim como os reduzidos salários dos trabalhadores na indústria conserveira, têm como principais consequências, o crescimento da pobreza e o degradar das condições de vida.

Durante o conflito mundial, no ano de 1944, é escolhido um novo governador civil, José Guilherme de Melo e Castro, visto como um dos mais liberais e progressistas membros da União Nacional e indigitado pelo ministro do Interior da época, general Júlio Botelho Moniz. Após chegar à cidade de Setúbal, fica bastante preocupado com a situação das classes trabalhadores, o que leva a endereçar correspondência "muito particular" [76] ao seu amigo Alberto Mário Ribeiro de Meireles, que era delegado do INTP (Instituto Nacional do Trabalho e Previdência) de Faro, onde descreve as adversidades sociais e económicas da região de Setúbal, de forma extremamente informal, como este excerto da carta evidencia:

> Ando com os cabelos em pé, com a sensação de viver aqui sobre um vulcão, embora não em atividade. Isto é o pior que há em Portugal sob o ponto de vista de condições

[74] ANTT. Ministério do Interior – Gabinete do Ministério. Relatório do Governador Civil de abril de 1940. Maço 516; Livro 4-CL-SL, nº5; NT 393.
[75] ANTT. Ministério do Interior – Gabinete do Ministério. Idem. Ibidem.
[76] Alho, Albérico Afonso Costa (2021); *Setúbal sob o Estado Novo – A Resistência a Salazar – Vol. I (1933-1949),* Editora Estuário, Setúbal, página 173.

> de vida das classes operárias sobretudo sob o ponto de vista – habitação. Não se calcula, só visto. Quando nos encontramos te mostrarei fotografias e elementos de arrepiar.[77]

Perante esta situação, o Governador Civil solicitou no desenvolvimento de um plano urbanístico para a urbe setubalense, onde previa a construção de um novo Liceu, de um Tribunal do Trabalho, assim como outras instituições públicas, como uma nova repartição dos CTT (Correios, Telégrafos e Telefones, atual CTT – Correios de Portugal).

Para o responsável administrativo, a maior falha, em termos de infraestruturas em Setúbal, era a inexistência de *casas económicas*, ou seja, casas construídas com o patrocínio das *Casas dos Pescadores ou do Povo*, segundo a estrutura corporativa do Estado Novo, que seriam concedidas a pescadores ou agricultores. Segundo José Guilherme de Melo e Castro, a "falta é incompreensível e vergonhosa numa cidade de mais de 50 000 habitantes, pescadores e operários, vivendo nas mais precárias e inconcebíveis condições de salubridade e de promiscuidade".[78]

Como resultado, as classes sociais mais pobres começavam progressivamente a ter um maior enquadramento. A Legião Portuguesa e a Mocidade Portuguesa, organizações criadas pelo Estado Novo poucos anos antes e tendo um pendor ideológico forte com o regime salazarista, atuam nesta área, onde já existiam outras associações, como a histórica e centenária Misericórdia de Setúbal, bem como o Asilo da Infância Desvalida, o Asilo Dr. Paula Borba e o Asilo Acácio Barradas.

O relatório do governador civil de Setúbal é muito elucidativo sobre a situação das classes trabalhadoras em Setúbal:

> A miséria moral, consequência da miséria moral, deve ser em Setúbal maior do que em qualquer outro distrito.
> Vegetam na cidade milhares de pessoas cheias de fome e pobríssimas, milhares de crianças sem escola, centenas de raparigas e rapazes em verdadeiro perigo moral; e segundo informações do registo civil, deve também ser esta infeliz terra aquela em que há maior contingente de filhos ilegítimos, 75%!
> A educação moral e religiosa é tanto ou mais necessária do que o pão que falta em muitos lares. A depravação, sobretudo nos menores, é apavorante; e o nível moral e social da grande maioria dos Setubalenses deixa muito a desejar….

[77] Coleção particular A, Cunha Bento. Carta do Governador Civil de Setúbal José Guilherme de Melo e Castro a Alberto Mário Ribeiro de Meireles. Apesar de não estar datada e das marcas de correio não serem claras, parece ser de novembro de 1944, poucos dias depois da tomada de posse como governador civil.
[78] ANTT. Ministério do Interior, Gabinete do Ministro. Maço 534; pasta Lº8-DS-SL, n.º 2; NT 411.

> Quase se é troçado por se ser sério, caridoso e honesto. A grande obra a fazer neste meio é arranjar pão, conjugar esforços de assistência social e religiosa, interessando nesta cruzada todos os elementos bons que ainda aí há.[79]

Na fase final da guerra, mais precisamente em setembro de 1944, o Governo desenvolveu um questionário de 10 perguntas para todos os 22 Governadores Civis, com o objetivo de compreender o contexto social, político e económico do país, tendo em conta o ambiente geopolítico de conflito mundial e a instabilidade nas classes populares, em especial nas regiões com maior número de indústrias. Na primeira questão, os governadores civis eram inquiridos sobre o "ambiente político-administrativo" de cada distrito português, para o regime saber quais eram as "correntes de opinião pública existentes na sede de distrito e nos concelhos." Posteriormente, era perguntado se havia "dirigentes e influentes; força e atividades; atitude para com o Governo e autoridades locais […] informações pessoais ou coletivas sobre atividades suspeitas."

A questão seguinte focava-se na ação da União Nacional, mais concretamente na "sua unidade e espírito de colaboração com as autoridades administrativas." Na terceira pergunta, era analisada a eficiência das unidades de segurança pública, como a GNR (Guarda Nacional Republicana) e a PSP (Polícia de Segurança Pública), como as organizações paramilitares ligadas ideologicamente ao Estado Novo, como a Mocidade Portuguesa e a Legião Portuguesa.

Em seguida, o questionário abordava a estrutura dos funcionários públicos, em especial o "seu valor profissional e a sua posição política." A quinta questão, centrava-se na imprensa regional, como os jornais que eram publicados em cada concelho e as suas "tendências políticas, direção e a sua colaboração com as autoridades locais." Posteriormente, o inquérito examinava as relações das autoridades com as "autoridades eclesiásticas […] autoridades de coordenação económica e do trabalho." Os problemas ainda pendentes e os anseios das populações são também investigados. As perguntas finais interrogavam a apreensão do decorrer da Segunda Guerra Mundial e o contexto geopolítico internacional, além dos "mal-estares políticos."[80]

Este conjunto de perguntas demonstrava o interesse de António de Oliveira Salazar sobre a situação político-administrativa e social de Portugal, tentando perceber a evolução

[79] Relatório do Governador Civil de abril de 1940, António Cardoso.
[80] ANTT. Ministério do Interior – Gabinete do Ministro. Resposta do Governador Civil ao Questionário de 23 de setembro de 1944. N.º 1. Maço 534; pasta Lº8 – DS -SL, nº2: NT 411. O Governador Civil dará uma resposta rápida a estas inquietações em ofício confidencial datado de 4 de outubro de 1944.

das forças de oposição ao seu regime, dado que o desfecho do conflito mundial, no ano de 1944, caminhava para uma vitória das Forças Aliadas, o que não era propriamente muito positivo para o ditador português.

A resposta do Governador Civil do Distrito de Setúbal, não deixa de ser interessante. Sabendo que os importantes centros industriais do Barreiro e Setúbal são inspiradas pela possível vitória dos Aliados, na Segunda Guerra Mundial, algo que poderia ajudar ao colapso do regime salazarista, afirma que existe uma "perigosa transformação que se deu no estado de espírito" das populações trabalhadoras, fortalecendo o clandestino Partido Comunista Português, sem secretário-geral desde da detenção, desterro e morte de Bento Gonçalves, no Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, em 1942.

Estas são as últimas duas respostas do Governador Civil ao questionário do Governo:

> Resposta do Governador Civil de Setúbal ao Inquérito do Governo.
> 9. Notícias vindas do exterior (fronteiras, etc). Psicose derivada do estado de guerra. Reflexos políticos.
> O momento agudo de agitação resultante de notícias de guerra parece ter passado. Isto não quer dizer que por vir menos à superfície a sua projeção não seja hoje mais profunda e de recear.
> De facto, hoje pouco se discute a guerra cujo desfecho militar parece a todos certo e mais ou menos próximo. As acaloradas discussões, os grupos de café em volta da telefonia e dos jornais são cada vez mais raros.
> Mas deu-se na opinião pública uma perigosa transformação no estado de espírito. A dissolvente propaganda política das chamadas nações democráticas, que para atingirem efeitos de simpatia de momento desceram aos mais perigosos e inconscientes excessos que hoje começam a reconhecer, de ao seu lado enfileirar a URSS, levam o público ao convencimento de que a derrota da Alemanha será a vitória mundial do comunismo.
> Não me compete prever se assim será, mas a verdade é que este estado de espírito resulta extremamente perigoso para a ordem social dando aos que nada têm o convencimento de que tudo vão lucrar e aos que têm alguma coisa um cobarde sentimento de insegurança que quase lhes tolhe o ânimo e a defesa da ordem social em que todos nos empenhamos.
> Facto sintomático, durante as greves do Barreiro do ano passado os grevistas acreditaram e espalharam o boato estúpido de que a Embaixada Inglesa lhes pagaria os dias que não trabalhassem! Daqui não ser difícil prever que a derrota alemã será festejada como a vitória comunista e causará entre os conservadores assustadiços um pânico de que é preciso acautelar mesmo os que menos o mereçam.
> Para tanto não se canse de aconselhar e solicitar as necessárias medidas de prevenção sobretudo no Barreiro o ponto nevrálgico da agitação no Distrito.
>
> 10. Mal-estares políticos.
> Notam-se e resultam de muitos dos factos e circunstâncias atrás apontadas. Não podemos dizer infelizmente que a opinião pública está connosco. O mal-estar inevitável das dificuldades do momento, muitos interesses inconfessáveis, alguns

> erros acumulados e uma propaganda que habilmente explora tudo isto, deturpa a obra realizada e a realizar.
> A parte sã da opinião pública viu com a maior satisfação e fundadas esperanças a última remodelação ministerial. Os elementos adversos andam desorientados. É o momento de aproveitar a confiança duns e a desorientação de outros.
> O Governador Civil,
> Mário Madeira.
> Governo Civil do Distrito de Setúbal, 4 de Outubro de 1944.

Neste questionário, o governador-civil refere que não existiam movimentos políticos de oposição de relevância ou com grande expressão, como este excerto demonstra: "uma tendência para apatia, frequentemente esmaltada pela crítica fácil, muitas vezes mal-intencionada, mas sempre estúpida e dissolvente."[81]

Salienta que o contexto social setubalense é relativamente calmo, tentando não alarmar o Ministro: "A quase totalidade da sua população vivendo exclusivamente da pesca e indústria das conservas e sofrendo as suas oscilações e contingências arrasta uma vida de um baixo nível confrangedor, que não lhe deixa tempo para nada, que não seja chorar e carpir as suas misérias."[82]

Por sua vez, não apresentava um grande respeito pelos patrões das fábricas conserveiras, afirmando o seguinte no inquérito: "Uma reduzida minoria de gente abastada, parece só ter como preocupação esconder as suas fortunas, algumas de fresca data, colocando-as longe de Setúbal para que não lhas leve o fisco ou os obriguem a reparti-la." E termina a sua descrição negativa dos proprietários das fábricas de conversa de Setúbal, finalizando: "Miséria resignada dos pobres, egoísmo assustado dos ricos é o que predomina na cidade."[83]

Em relação à atividade da *União Nacional*, no Distrito, declarava que é reduzida e sem grande influência na sociedade. Mesmo com a renovação da Comissão Distrital, no princípio desse ano, onde foram selecionadas individualidades da confiança do Governador Civil, salientava que até mesmo essas pessoas não demonstravam conhecimento do total potencial de intervenção, alegando no questionário, que estes

[81] ANTT. Ministério do Interior – Gabinete do Ministro. Resposta do Governador Civil ao Questionário de 23 de setembro de 1944, pág. N.º1. Maço 534; pasta Lº8 – DS-SL, n.º 2; NT 411.
[82] ANTT. Ministério do Interior – Gabinete do Ministro. Resposta do Governador Civil ao Questionário de 23 de setembro de 1944, pág. N.º1. Maço 534; pasta Lº8 – DS-SL, n.º2; NT 411.
[83] ANTT. Ministério do Interior – Gabinete do Ministro. Idem. Ibidem.

indivíduos apresentavam "uma desoladora descrença nas suas possibilidades e meio de ação."

Outro aspeto que desagradava o Governador é a Legião Portuguesa, que segundo a sua opinião: "A Legião Portuguesa tem uma existência precária vivendo em Setúbal e no Distrito de esforços e dedicações isoladas que pouco podem produzir." De todas as perguntas efetuadas, a que expunha um sinal mais positivo, era a relação com instituições eclesiásticas, em especial a Igreja Católica. Existia uma "satisfatória colaboração com as autoridades civis."

Porém, Mário Madeira considerava que a Igreja estendia a sua ação "um pouco além do campo meramente eclesiástico." Relativamente aos meios de comunicação social e a imprensa, não demonstrava grande importância pela sua atividade, sustentando que tinham pouca tiragem, pelo que não havia "resultado qualquer inconveniente da sua existência."

No caso dos jornais setubalenses, próximos ideologicamente do regime do Estado Novo, ignoravam as dificuldades das classes trabalhadoras, não publicando nada sobre os graves problemas socioeconómicos da região de Setúbal, apesar dos governadores civis, nos vários pareceres que enviavam para o Ministério do Interior, salientarem as privações profundas que a população setubalense sofria, entre as quais aumento da pobreza e situações de fome extrema.

No caso concreto do jornal com mais circulação na região de Setúbal, *O Setubalense*, noticia o início da guerra, da seguinte forma: "A GUERRA! O maior flagelo da humanidade caiu sobre o mundo. A Alemanha ocupou Dantzig e bombardeia cidades polacas."[84]

Não obstante a forma dramática como é anunciado o início das hostilidades, conforme o conflito se desenrola, o periódico vai apresentando uma forma de publicação cada vez mais condescendente e até entusiástica, em relação aos líderes da Itália fascista e a Alemanha nazi e das conquistas militares das duas nações das Forças do Eixo. O jornal *O Setubalense* até apresenta Mussolini como sendo um modelo de líder, acentuando as origens humildes, numa tentativa de comparação com Salazar. Para além disso, as vitórias

[84] *O Setubalense,* 1 de setembro de 1939.

da Alemanha Nazi não são esquecidas, acabando por serem muito valorizadas, nas várias edições do jornal, publicadas na fase inicial da Segunda Guerra Mundial.

Outro aspeto importante era o elogio enorme feito às organizações de doutrinação juvenil do Estado Novo, comparando-as com a Juventude Nazi e a Juventude Fascista italiana, conhecida como "*balillas*".

A seguinte notícia de 1942 mostra esse aspeto:

> Uma Fé inquebrantável no Espírito Nacionalista
> Somos dos que temos uma fé inquebrantável no espírito nacionalista da Mocidade Portuguesa. Como outra organização criou Mussolini a geração do sacrifício que desde há anos vem dando ao Duce grande parte do prestígio que vem gozando. Amparadas as crianças logo que nascem, tendo os pais que fazer o seu registo, o rapaz cresce e desenvolve-se no espírito fascista que é hoje, o esteio da Itália e tem sido a admiração do Mundo […] Formou-se uma nova mentalidade. Em Portugal, a Nova Ordem criada por Salazar, e na qual a Mocidade Portuguesa está nela integrada, fez nascer o movimento "Tudo pela Nação, nada contra a Nação", que tão bom resultado tem obtido. A Mocidade Portuguesa de hoje é uma esperança, amanhã será uma força. É dela que depende do futuro de Portugal.
> Preparados desde crianças os seus filiados nos deveres do brio e da honra, verifica-se já que uma nova mentalidade floresce ao sol quente do patriotismo. Há, por conseguinte, que a desenvolver, e ministrar-lhe a instrução necessária para que a Mocidade Portuguesa seja o que são lá fora as falanges das Juventudes: Patriotas, Fortes e Aguerridas.[85]

Neste periódico, chegaram a ser publicadas notícias sobre o "Bolchevismo Judaico", que ao serem analisadas, recordavam artigos de jornais da Alemanha Nazi, dada a ideologia e o racismo latentes.

Durante os primeiros anos da guerra, com o sucesso militar das Forças da Alemanha Nazi e da Itália Fascista cada vez mais evidenciado, como demostra a conquista da França, da Jugoslávia, dos Países Baixos, parte da Escandinávia (Noruega e Dinamarca), assim como o início da invasão da União Soviética, em 1941, os artigos divulgados pelo *O Setubalense* começou a ter uma conotação progressivamente mais antissemita. Nas notícias de detenção de criminosos, os indivíduos começaram a ser descritos como "judeus", como este artigo revela:

> Foi intentada uma ação contra dois judeus que não declararam nos termos prescritos a sua fortuna de 35 milhões de "levas" [moeda nacional da Bulgária, na altura] em ações. Vários outros judeus terão que responder pelo mesmo delito. Em todos os casos os bens em questão serão confiscados em proveito do Estado.[86]

[85] *O Setubalense*, 2 de junho de 1942.
[86] *O Setubalense*, 19 de maio de 1942.

Esta é outra notícia que expõe qual é a doutrina política defendida pelo jornal e qual o lado da guerra que apoiava: "Hitler liberta Leste do bolchevismo."[87]

Para além das notícias que mostravam os sucessos militares e o antissemitismo da Alemanha Nazi, a admiração e uma certa propaganda pela cultura alemã da época fica patente em vários artigos publicados, onde eram divulgadas manequins alemãs fotografadas, usando a roupa que era usada na época, com o título, "Modas Alemãs".[88]

Ao mesmo tempo que *O Setubalense* publicava temas relacionados com a cultura alemã nazi e as conquistas militares efetuadas, a cidade vivia numa situação de penúria e escassez de bens essenciais. Ocasionalmente, mesmo com as comissões de censura a impedirem que notícias sobre o grave ambiente socioeconómico viessem a público, alguns artigos eram divulgados:

> Aumenta na Cidade o número de pessoas necessitadas a esmolar nas ruas e estabelecimentos. Desenha-se uma crise económica que o mau tempo sempre traz. […] Todo o pessoal marítimo está em terra, [não havendo peixe].[89]

Para além da dificuldade de efetuar a faina, em alturas de tempo instável, o próprio conflito mundial ainda agudizava mais as privações da população. Faltava praticamente todos os produtos básicos, como azeite, sabão, arroz, carvão, carne de porco, batata, bacalhau (fundamental na culinária portuguesa), chouriço, entre outros produtos. O jornal *O Setubalense*, para além de publicar a difícil situação que se vivia em Setúbal, também anunciava imagens que divulgavam a frequência radiofónica onde os noticiários da BBC, da Rádio Berlim e da Rádio Roma eram transmitidos, cada um apresentando a propaganda britânica, alemã e italiana, respetivamente, em língua portuguesa.

Se nos primeiros anos da contenda militar era notório perceber qual era a aliança ideológico-militar que o periódico defendia, com o aumento das derrotas militares do Terceiro Reich e o enfraquecimento das Forças do Eixo, a admiração foi perdendo força.

Outro aspeto, era a destruição provada pelos bombardeamentos aliados, com a edição do dia 24 de junho de 1944, que publicava a seguinte frase, com uma fotografia

[87] O Setubalense, maio de 1942.
[88] *O Setubalense,* 4 de julho de 1942.
[89] *O Setubalense,* 25 de março de 1943.

da Catedral de Berlim destruída: "Ataque terrorista levado a cabo pela aviação inimiga contra a capital da Alemanha em 24 de maio de 1944".[90]

Apesar dos retrocessos na guerra, nas notícias continuaram a ter um pendor tendencioso, até o fim da Segunda Guerra Mundial, como a capa do dia 31 de julho desse ano noticiava: "Os alemães confiam poder dar à guerra um desfecho favorável se conseguirem resistir à ofensiva aliada do corrente ano".[91]

O fim do conflito no continente europeu[92] chegaria em maio de 1945. Perante isso, o jornal toma uma postura mais em linha com o contexto geopolítico mundial, tendo em conta a vitória dos Aliados na guerra. Na primeira página, a edição do dia 9 de maio de 1945, *O Setubalense* anuncia:

> Como não podia deixar de ser, porque tal estava no ânimo de todos, a notícia de que terminará a guerra na Europa, encheu de satisfação todo o público setubalense, que manifestou o seu contentamento enchendo as ruas, percorrendo-as e indo até ao vice-consulado inglês que se apresentava embandeirado e com uma gambiarra de luzes multicolores. Os edifícios públicos, vice-consulados, casas particulares, etc. ficaram com as bandeiras dos respetivos países e os últimos, com a bandeira nacional. O vento, porém, devido a seu sueste, fez flutuar, ininterruptamente, as bandeiras.[93]

Durante os anos 30 e 40 do século XX, a Junta Autónoma das Obras do Porto e Barra de Setúbal e do Rio Sado publicava todos os anos relatórios económicos sobre as transações comerciais ocorridas no Porto, referindo o número de navios que atracavam nas instalações portuárias, o volume e o tipo de mercadorias que eram importadas e exportadas, para além dos lucros obtidos. Por exemplo[94], em 1939, em comparação com o ano anterior (1938), registava-se um acréscimo nas mercadorias exportadas consideradas de menor qualidade ou pobres. O sal teve um aumento muito considerável, passando de 1 509 toneladas (com um lucro de 83 contos) para 11 345 toneladas vendidas, gerando receitas, na ordem dos 1 028 contos. Um dado importante é que esta exposição económica da Junta Autónoma das Obras do Porto e Barra de Setúbal e do Rio Sado do

[90] *O Setubalense,*24 de junho de 1944.
[91] O Setubalense, 31 de julho de 1944.
[92] A Segunda Guerra Mundial terminou só definitivamente, com a rendição do Império Japonês (aliado da Alemanha Nazi) em agosto de 1945.
[93] *O Setubalense,* 9 de maio de 1945.
[94] Relatório do Ano Económico de 1939 da *Junta Autónoma das Obras do Porto e Barra de Setúbal e do Rio Sado, Direção Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos, Ministério das Obras Públicas e Comunicações.*

ano civil de 1939, apresentava os números de tonelagem de conserva de peixe exportada e a receita financeira alcançada, em cada ano, desde 1934 (inclusive).

Exportação de Conserva de Peixe

Anos	Tonelagem	Contos (em escudos)
1934	17 018	61 202
1935	17 132	60 594
1936	12 264	44 431
1937	9 929	45 197
1938	6 618	34 590
1939	7 084	27 536

É possível analisar que venda de conservas de peixe para o exterior de Portugal, começou tendencialmente a diminuir. Passou de 17 018 toneladas, em 1934, para 7 084, em 1939. Consequentemente, houve uma quebra no valor dos lucros. Em cinco anos (de 1934 a 1939), as receitas passaram de 61 202 para 27 536 contos de escudos. Posteriormente, a produção de conservas de peixe entre 1934 e 1939 encontra-se também assinalada no relatório, onde é notório o decréscimo do número de caixas produzidas, demonstrando a crise da década de 1930, na indústria conserveira setubalense.

No ano civil de 1934, 1 011 791 caixas de conservas de peixe foram produzidas pelas fábricas setubalenses. Em 1939, o número era de 473 008 caixas de conservas (46,7% da produção de 1934). Esta redução no fabrico de conservas, teve consequências para a Região de Setúbal, que deixou de ser a principal zona produtora de conservas de peixe em Portugal.

Em 1935, 40% da produção nacional tinha origem em fábricas sadinas, no final da década (1939), só 23% da produção portuguesa era originária de Setúbal. No ano seguinte, em 1940, a exportação de conservas de peixe decresceu para 4 458 toneladas, com os lucros financeiros fixando-se nos 24 583 contos de escudos.

Uma redução de 2 626 toneladas, em comparação ao ano de 1939, apesar de 5 235 toneladas terem sido transportada por terra, até ao Porto de Lisboa, rendendo 38 100 contos. Esta diminuição revela as consequências do início de um conflito, a Segunda Guerra Mundial, nas transações comerciais do Porto de Setúbal com o exterior.

Para além das dificuldades inerentes ao decorrer do conflito mundial, o ano de 1941 ficará marcado por um forte ciclone ou tempestade tropical, um fenómeno atmosférico raro na costa portuguesa (atingiu a costa setubalense em 15 de fevereiro de 1941) que danificou significativamente parte das instalações portuárias, comprometendo a exportação das conservas de peixe, através do Porto de Setúbal.

Um exemplo das repercussões dessa tempestade foi a redução do número de navios que entraram no estuário do Rio Sado nesse ano de 1941, sendo o menor em toda a guerra. Ao todo, 470 navios entraram com uma tonelagem de 166 156 toneladas.

Contudo, no ano seguinte (1942), mesmo com o crescimento do número de navios a entrarem no Porto de Setúbal (545 navios), a tonelagem foi menor, com o valor de 126 457 toneladas.

A criação da Caixa de Compensação das Conservas de Peixe

Com a derrota da França, em 1940 e a chegada dos alemães aos Pirenéus, o Estado Novo começa a desenvolver um sistema complicado de compensações financeiras a Alemanha Nazi, assinando acordos secretos, como forma de conseguir administrar as divisas, provenientes da compra de conserva de peixe portuguesa, num processo semelhante ao que acontecia com os lucros da venda de volfrâmio (tungsténio) aos beligerantes e realizado por outros países neutrais, como a Suécia.[95]

[95] https://conservasdeportugal.com/a-industria-conserveira-de-sesimbra-nos-primordios-do-estado-novo-1933-1945-5-5/ in Almeida, Andreia da Silva. *A INDÚSTRIA CONSERVEIRA DE SESIMBRA NOS PRIMÓRDIOS DO ESTADO NOVO (1933-1945)* Lisboa, 22 de Dezembro de 2011.

Imagem 8 - Embarque de conservas para a Alemanha – caixas de conservas no cais, 29 de julho de 1939 (data do registo da imagem).



Fonte: AR765. Reprodução digital feita a partir de negativo de gelatina 9x12 cm. Coleção Américo Ribeiro. Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro. SMBM. DCED. Câmara Municipal de Setúbal.

Nesse sentido, foi criada uma "Caixa de Compensação das Conservas de Peixe", que em conjunto com o I.P.C.P (Instituto Português de Conservas de Peixe), teve efeitos benéficos e negativos na indústria conserveira de Setúbal. Com o desenvolvimento desta instituição, as variações dos preços do peixe e do metal necessário para fazer as latas era atenuada, para além de facilitar a distribuição da produção das fábricas conserveiras, perante a situação de guerra mundial. Outro aspeto positivo era que as fábricas com falta de capital ou menos modernizadas, conseguiam sobreviver, devido a compensação financeira fornecida. Contudo, acabaria por promover um desincentivo à modernização e ao investimento em tecnologia mais avançada, deixando a indústria conserveira setubalense em desvantagem em relação aos concorrentes internos (as fábricas de conserva de Matosinhos e do Algarve) e externos (as fábricas espanholas e francesas), após o fim da Segunda Guerra Mundial.

Se não bastasse, o tecido empresarial perdeu autonomia, influenciado pelas frações de produção e com as decisões a deixarem de serem tomadas localmente. Em

suma, a Caixa de Compensação gerou emprego, todavia com salários muito baixos, revelando que as operárias e os operários possuíam um poder de compra muito reduzido, agravado durante a guerra, com a imposição de racionamento de alimentos básicos.

Visita de comitivas internacionais a fábricas de conserva de peixe em Setúbal

Nas vésperas da Segunda Guerra Mundial, talvez já antevendo o cenário de grande tensão geopolítica mundial e numa tentativa de obter aliados e mercados que fornecessem conserva de peixe, as potências como a França, a Alemanha Nazi, o Reino Unido e o Estados Unidos da América, enviaram para Setúbal, delegações para estabelecer contactos e acordos comerciais que facilitassem a exportação de conserva de peixe setubalense para os seus países e portos.

No dia 1 de julho de 1938, elementos do *Comité Central de l`Organisation Profissionelle* (que tinha apoio da Confederação Geral do Patronato Francês, ou *Confédération générale du patronat français*, em francês). que estavam a visitar o nosso país, almoçaram na Serra da Arrábida, sendo recebidos pelas individualidades mais importantes da cidade.[96] O chefe da missão francesa era o Sr. Mounetier, que agradeceu ao Secretariado de Propaganda Nacional, o Instituto Português de Conservas de Peixe e a Junta Nacional da Cortiça, por terem disponibilizado um almoço, num local tão agradável. Posteriormente, a comitiva dirigiu-se para as fábricas de conservas de peixe *Poker* e *Viegas Dias & C^{a}*, com os industriais franceses a ficarem impressionados pela forma como a conserva de peixe, que era muito consumida em França, era fabricada em Portugal.

Terminada a visita pela Região de Setúbal, os empresários franceses viajaram para Évora, onde pernoitaram, dirigindo-se do dia seguinte para Lisboa, com o objetivo de regressar a França. Meses depois, no dia 26 de outubro de 1938, responsáveis da *Força pela Alegria* (*Kraft durch Freude*, em alemão), uma organização que controlava as atividades de lazer dos trabalhadores alemães (num conceito semelhante a F.N.A.T, Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, durante o Estado Novo), chegaram a Setúbal.

[96] *O Setubalense,* 1 de julho de 1938.

Vindo da Alemanha Nazi, através dos vapores *Sierre Cordoba, Oreana e Oer Deusche*, atracaram no dia anterior, no Porto de Lisboa. No dia seguinte, deslocaram-se de barco até ao Barreiro, para iniciar a viagem de comboio até Setúbal. Após saírem da estação ferroviária de Setúbal, almoçaram no Clube Naval Setubalense e visitaram a Serra da Arrábida, dirigindo-se posteriormente para a fábrica *Viegas & Lopes*, do industrial José Viegas, na Rua Camilo Castelo Branco (no Bairro das Fontaínhas) onde estava a ser preparado uma receção de honra com bebidas e doces regionais, como o Moscatel de Setúbal, no interior das instalações da fábrica, como a fotografia captada pelo fotógrafo Américo Ribeiro demonstra.

É curioso reparar na fotografia de Américo Ribeiro que as mesas (que foram construídas, usando caixotes de madeira, resultante da atividade da indústria conserveira) estavam organizadas em forma de cruz gamada ou suástica, com o objetivo de enaltecer o regime alemão nazi e criar um ambiente acolhedor aos visitantes germânicos. [97]

Para além disso, foi criada uma parede falsa cuidadosamente enfeitada com cruzes suásticas feitas a partir de embalagens de latas de conserva, estando expostos os retratos fotográficos de António de Oliveira Salazar, Presidente do Conselho de Ministros português, General Óscar Carmona, Presidente da República Portuguesa e de Adolf Hitler, *Führer* (*líder supremo*, em alemão) da Alemanha Nazi, assim como as bandeiras de Portugal, da Alemanha Nazi, da Legião Portuguesa e da Frente Alemã para o Trabalho (*Deutsche Arbeitsfront*, em alemão).

O jornal *O Setubalense* desse dia relata na sua edição, a visita dos representantes industriais alemães a Setúbal, como este excerto revela:

> **Honras de uma visita nazi à Fábrica Viegas & Lopes.**
>
> Esteve hoje em Setúbal, um grande número de trabalhadores alemães de ambos os sexos, chegados ontem a Portugal, pertencentes a uma das melhores organizações operárias da Alemanha denominada "Força pela Alegria", onde estão agrupados desde o simples trabalhador da oficina ao mais graduado empregado de escritório. Todos ali vivem numa perfeita solidariedade e lealdade, com uma só preocupação: produzir, nas suas oficinas o máximo de trabalho e nas horas de repouso adquirir também o máximo das energias e da alegria, contribuindo para o prestígio do seu país e para o bem-estar do seu lar.
>
> […]

[97] Coleção Américo Ribeiro - Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro. DIBM. DCDJ. Câmara Municipal de Setúbal.

Após o almoço todos os operários e operárias alemãs visitaram a fábrica de conservas "Viegas & Lopes", onde por José Viegas lhe foi oferecido um "Moscatel de Honra" numa das dependências da fábrica, lugar que se encontrava ornamentado com bandeiras de Portugal e da Alemanha e com os retratos dos srs. Presidente da República, General Carmona, Presidente do Ministério, Dr. Oliveira Salazar e do chefe do governo alemão, Hitler. As mesas estavam formadas em Cruz Suástica e junta a estas um aparelho que executou, à entrada dos visitantes, os hinos dos dois países, seguido de músicas portuguesas e alemãs.

Os trabalhadores da fábrica solidarizaram-se durante a visita com os seus camaradas alemães, mantendo todos a maior alegria. No final, houve brindes, muitos brindes mesmo, de saudação aos dois países, de saudação à organização alemã em visita, ao estimado industrial José Viegas e à prosperidade das classes trabalhadoras de todo o mundo."[98]

[98] *O Setubalense*, 26 de outubro de 1938.

3.2 – Setúbal perante a Segunda Guerra Mundial - imagens da guerra

Além das questões relativas à indústria das conservas de peixes, no período em estudo houve outros acontecimentos com ecos em Setúbal e que estiveram relacionados com o contexto de guerra mundial então existente. Deixo aqui o relato de um episódio que que foi considerado significativo para o período em estudo.

Tendo em conta o complexo contexto geopolítico e geoestratégico da Segunda Guerra Mundial e o seu posicionamento geográfico na Costa Ocidental Africana, o arquipélago de Cabo Verde demonstrou um enorme interesse das várias Potências envolvidas no conflito mundial, desde os Aliados até às Forças do Eixo. Como forma de preservar a soberania dos seus territórios coloniais, o Governo português mobilizou 4500 soldados, oriundos do Regimento de Infantaria n.º15, sediado em Tomar; do Regimento de Infantaria n.º 5, situado nas Caldas da Rainha, do Regimento de Infantaria n.º 7, localizado em Leiria e do Regimento de Infantaria n.º11, estacionado no Baluarte de Nossa Senhora da Conceição de Setúbal (designado pela população de Setúbal como *Quartel do Onze*).

O primeiro batalhão do Regimento de Infantaria n.º11 partiu para Cabo Verde, no dia 15 de junho de 1941. Porém, o acontecimento foi pouco divulgado pela imprensa local, com o principal jornal da Região, *O Setubalense*, a fazer apenas a seguinte referência. No dia seguinte (16 de junho), o periódico publica o discurso que o alferes Fernando Azedo Duarte tinha realizado, no dia anterior ao embarque, durante o Juramento de Bandeira dos recrutas, no Campo dos Arcos (que na altura, funcionava também como o recinto desportivo do Vitória Futebol Clube). As palavras do alferes foram as seguintes: "[…] conservar a todo o custo, contra tudo e contra todos, a herança gloriosa dos nossos avós."[99]

O pouco foco que a imprensa regional e o jornal *O Setubalense* deram ao embarque dos soldados para Cabo Verde pode estar relacionado com problemas disciplinares dos soldados, enquanto eram transportados até Lisboa, para posteriormente embarcarem na Doca de Alcântara. O capitão José Rebelo afirmou que alguns militares

[99] *O SETUBALENSE*, 1941, 16 de junho: primeira página ou capa.

cometeram "excessos", ao despedirem-se dos seus familiares, com um oficial a não prestar continência a um superior, antes de embarcar.

Como consequência, uma portaria do Ministério do Exército impediu o regimento de exibir a sua bandeira e obrigou os soldados a cumprirem mais semanas de serviço militar, no arquipélago africano. Quando a segunda unidade foi enviada meses depois, entre os dias 25 e 28 de novembro, a imprensa da região, em especial o jornal *O Setubalense*, já noticiou o embarque de uma forma completamente diferente e muito mais detalhada, descrevendo todos os acontecimentos importantes das várias cerimónias militares, começando pela missa realizada na Igreja de São Julião, onde foi batizado um soldado, concedidos crucifixos aos militares e familiares, culminando com um discurso com um teor bastante propagandístico do reverendo Mário de Carvalho, no qual salientou a necessidade dos soldados de se sacrificarem pela Pátria Portuguesa.

Em seguida, os militares seguiram para o Monumento em Homenagem aos mortos da Primeira Guerra Mundial, com o presidente da Câmara Municipal de Setúbal, António Pedrosa Pires de Lima, a fazer um discurso de despedida aos soldados, enaltecendo a Pátria Portuguesa, como as seguintes palavras demonstram: *"*dizendo-lhes que Portugal não é só onde se vive, pois também além-mar é a continuação da Pátria."[100]

O periódico *O Setubalense* chega mesmo a pedir à população setubalense, que organizasse uma grande demonstração pública de apoio aos soldados, criando a expectativa de que todos iriam regressar com vida.[101] Terminadas as várias cerimónias militares, o regimento marcha até a Estação Ferroviária de Setúbal (perto da Praça do Brasil, que na altura não existia), passando pela Avenida 5 de Outubro. Já na Estação Ferroviária, a banda filarmónica da Legião Portuguesa toca o Hino Nacional Português, "A Portuguesa", aos militares, que iniciam a viagem ferroviária até ao Barreiro, para depois, por via marítima serem enviados para o Cais de Alcântara, onde seriam embarcados no navio que os iria transportar até Cabo Verde.

[100] O SETUBALENSE, 1941, 26 de novembro: página 2.
[101] O SETUBALENSE, 1941, 26 de novembro: página 2

Conclusão

Através desta dissertação de Mestrado, foi possível perceber que a Região de Setúbal era um importante centro nacional de produção e exportação de latas de conserva, no início do século XX, em especial durante a década de 20 de século passado, imediatamente a seguir a Primeira Guerra Mundial, período histórico visto como os "anos dourados" da indústria conserveira setubalense, o que viria a ter consequências positivas na região.

A cidade seria elevada a posição de capital de Distrito em 1926, com a criação de um Governo-Civil independente de Lisboa (o único distrito administrativo criado em Portugal, depois do século XIX), aumentando a importância de Setúbal, a nível nacional, como um dos principais centros de produção de conserva de peixe em Portugal e um dos mais importantes portos nacionais, na exportação de víveres alimentares marinhos.

Contudo, os anos 30 foram um decénio de anos muito complicados não só para a indústria conserveira, mas também para a sociedade setubalense. A implementação e consolidação do regime ditatorial do Estado Novo, com a introdução de uma nova política económica, baseada no corporativismo e no condicionamento industrial, mais as consequências nefastas da Grande Depressão não ajudaram a estimular as fábricas de conserva de peixe, levando inclusive a uma certa crise no setor, que afetou as manufaturas conserveiras.

Apesar de Portugal ser um país muito pouco industrializado, a indústria das conservas foi uma das atividades económicas no nosso país que mais sofreu com a grave crise financeira dessa década, que afetou gravemente as grandes economias do mundo Ocidental, do qual a as fábricas conserveiras eram muito dependentes.

Perante este cenário, regista-se uma diminuição populacional nos Recenseamentos de 1940, algo que aconteceu apenas uma única vez no Concelho de Setúbal, desde que foram realizados os primeiros censos demográficos modernos em Portugal, em 1864, o que evidencia a grave situação socioeconómica na região, com o aumento da carestia e pobreza, entre os setubalenses.

O eclodir de um novo conflito mundial criou condições que poderiam permitir o aumento da produção e da capacidade de exportação, devido ao facto de ser necessário alimentar exércitos inteiros de forma rápida e minimamente saudável. Nesse sentido, ao

analisamos o estudo do Doutor Guilherme Faria, apresentado no Salão Nobre da Câmara Municipal de Setúbal, em 1949 (apenas quatro anos após o fim da guerra), o que constatamos é que houve um considerável aumento na produção e exportação.

Porém, ao analisar outras fontes históricas, reparei que o relativo aumento de produção foi na verdade muito mais reduzido, o que faz deduzir que o relatório apresentado pelo Doutor Guilherme Faria apresenta uma visão um pouco enviesada sobre o que realmente aconteceu, tentando agradar o regime de Salazar e demonstrando dados e informações económicas que agradassem o Governo português da época, porque se apresentasse a verdadeira realidade da situação económica da indústria conserveira de Setúbal, durante a Segunda Guerra Mundial, o Doutor Guilherme Faria poderia ter problemas profissionais e pessoais, pelo facto de o Estado Novo não gostar que a pobreza e o subdesenvolvimento socioeconómico do país fossem revelados.

Por conseguinte, houve vários fatores que fizeram com que não ocorresse um crescimento muito substancial na produção e especialmente na exportação de conserva de peixe. Em primeiro lugar, a disrupção das rotas de comércio internacionais, durante a guerra, provocada quer pelos submarinos alemães como pelos submarinos aliados, que tinham como objetivo impedir que as mercadorias chegassem aos portos de destino.

Sendo que o Reino Unido e a Alemanha Nazi eram dos principais lugares para onde era exportada a conserva de peixe (para além de França), os submarinos inimigos (britânicos ou alemães) tentavam destruir os navios que a transportavam, levando à perda da mercadoria e a prejuízos consideráveis para as fábricas setubalenses.

A acrescentar a esta situação, surgiu um novo problema bastante grave que afetava o fabrico das latas de conserva. Ao contrário do que aconteceu na Primeira Guerra Mundial, Portugal permaneceu como não beligerante até ao fim das hostilidades. Decorrente desta postura diplomática e geopolítica, a obtenção e aquisição de *folha-de-flandres* (material com que eram feitas as latas de conserva) tornou-se mais difícil, em comparação com o anterior conflito global, reduzindo a capacidade de produzir conservas, porque era crucial a existência deste metal para se fazerem latas, pois era uma liga metálica bastante resistente à corrosão e existia uma falta de outras soluções que substituíssem esse material.

Em suma, a cidade de Setúbal e a sua indústria conserveira sofreram bastante com as mudanças geopolíticas e económicas causadas pela Segunda Guerra Mundial,

principalmente a nível socioeconómico, não esquecendo que ocorreu a imposição do racionamento de alimentos em Portugal, a partir de 1943, o que revela que este período histórico não houve a criação de grande riqueza, mesmo que o país não tenha sofrido a destruição dos bombardeamentos aéreos que ocorreram outras nações europeias envolvidas na guerra, como a Alemanha ou o Reino Unido.

A região continuou a ser uma das mais pobres do país, com a existência de um bairro de lata, completamente clandestino, na zona oeste da cidade (Olhos de Água) e uma elevada taxa de analfabetismo.

Mesmo assim, as fábricas conseguiram continuar a exportar conservas para os principais portos europeus, como Hamburgo, Roterdão, Amesterdão, Londres e outros mais, chegando a comercializar com portos norte-americanos e brasileiros, demostrando que, mesmo perante as adversidades, Setúbal não deixou de ser uma região importante na produção de conserva de peixe portuguesa, alimentando muito provavelmente vários batalhões de soldados estrangeiros.

Fontes e Bibliografia

Fontes

Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro

Arquivo integrado na Casa Bocage - Setúbal (habitação onde terá nascido o poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage).

Arquivo dos Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra

Relatório do Ano Económico de 1939 *da Junta Autónoma das Obras do Porto e Barra de Setúbal e do Rio Sado, Direção Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos, Ministério das Obras Públicas e Comunicações* - Cota 750/06.

Relatório do Ano Económico de 1940 da *Junta Autónoma das Obras do Porto e Barra de Setúbal e do Rio Sado, Direção Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos, Ministério das Obras Públicas e Comunicações* – Cota 751/06.

Relatório do Ano Económico de 1941 da *Junta Autónoma das Obras do Porto e Barra de Setúbal e do Rio Sado, Direção Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos, Ministério das Obras Públicas e Comunicações* – Cota 752/06.

Relatório do Ano Económico de 1942 da *Junta Autónoma das Obras do Porto e Barra de Setúbal e do Rio Sado, Direção Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos, Ministério das Obras Públicas e Comunicações* – Cota 754/06.

Relatório do Ano Económico de 1943 da *Junta Autónoma das Obras do Porto e Barra de Setúbal e do Rio Sado, Direção Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos, Ministério das Obras Públicas e Comunicações* – Cota 755/06.

Relatório do Ano Económico de 1944 da *Junta Autónoma das Obras do Porto e Barra de Setúbal e do Rio Sado, Direção Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos, Ministério das Obras Públicas e Comunicações* – Cota 756/06.

Relatório do Ano Económico de 1945 da *Junta Autónoma das Obras do Porto e Barra de Setúbal e do Rio Sado, Direção Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos, Ministério das Obras Públicas e Comunicações* – Cota 757/06.

Imprensa

Jornal *A Indústria*, publicado em Setúbal, entre 1939 e 1945.

Jornal *O Conserveiro.* publicado em Setúbal, entre 1939 e 1945.

Jornal *Interesses Económicos Luso-Brasileiros.*

Jornal *O Setubalense*, publicado em Setúbal, entre 1939 e 1945.

Revista *Indústria Portuguesa.*

Outras Fontes

Envia, Manuel (1947). *Coisas de Setúbal*. Setúbal: ed. A.

Faria, Guilherme (1950). *Setúbal e a Indústria de Conservas*. Setúbal: Tip. Orfanato Municipal.

Francisco José (1945). *A indústria das conservas nos contratos colectivos e no pós-guerra*. Matosinhos: Edição do IPCP.

Instituto Português de Conservas de Peixe (1955). Compilação de Elementos Estatísticos sobre Conservas de Peixe. Lisboa: IPCP.

Salazar, Oliveira (1932). *A Indústria e o Comércio das Conservas de Peixe*, In Ilustração Portuguesa, revista da Associação Industrial Portuguesa, Lisboa, n.º 47, janeiro de 1932.

Salazar, António de Oliveira (1953). *Estudo do Sr. Doutor Oliveira Salazar. Notas sobre a Indústria e o Comércio de Conservas de Peixe*. Lisboa: Astória Lda, Artes Gráficas.

Supico, José (1947). *Situação e Perspectivas da Indústria da Pesca da Sardinha*. Lisboa: Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha.

Espólios museológicos

Museu do Trabalho Michel Giacometti: museu gerido pela Câmara Municipal de Setúbal.

Bibliografia

Alho, Albérico Afonso Costa (2014). *Setúbal sob a Ditadura Militar – (1926-1933)*. Setúbal: Editora Estuário.

Alho, Albérico Afonso Costa (2020). *Setúbal no centro do Mundo – 165 anos do jornal O Setubalense*. Setúbal: Tipografia Rápida de Setúbal, Ltda. e Primeira Hora – Editora e Comunicação, Ltda.

Alho, Albérico Afonso Costa (2021). *Setúbal sob o Estado Novo – A Resistência a Salazar – Vol. I (1933-1949).* Setúbal: Editora Estuário.

Arranja, Álvaro (2010). *Anarco-Sindicalistas e Republicanos Setúbal na I República*. Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos.Guerra.

Golson, Eric (2020). "The allied neutral? Portuguese balance of payments with the UK and Germany in the Second World War, 1939-1945". *Revista de História Económica*, 38 (1), pp. 79-110.

Henriques, Francisco (2023). Portugal na Segunda Guerra Mundial: neutralidade e comércio estratégico de conservas de peixe, 1939-1945. *Ler História*, n.º 82, pp. 239-261.

Lopes, Madureira (1992). *"Um Tesouro Guardado" – Setúbal D`Outros Tempos.* Corlito – Centro Técnico de Artes Gráficas. Setúbal.

Lopes, Madureira (1999). *Setúbal à la minute através do Bilhete Postal Ilustrado*. Corlito – Centro Técnico de Artes Gráficas. Setúbal.

Lopes, José Manuel Madureira; Pereira, Alberto Manuel de Sousa (2015). *A Indústria das Conservas de Peixe em Setúbal*. Setúbal: Editora Estuário.

Lopes, Madureira (2006). *Américo Ribeiro – Todos os Dias*. Setúbal: Livraria Hemus.

Lopez, Jean; Aubin, Nicolas e Bernard, Vincent (2025). *Atlas da II Guerra Mundial*. Lisboa: Guerra e Paz.

Mendes, Hugo; Borges, Maria de Fátima (2006). *"A sardinha no século XX: capturas e esforço de pesca".* Relatórios Científicos e Técnicos IPIMAR, 32.

Milward, Alan (1977). *War, Economy and Society: 1939-1945*. Middlesex: Penguin.

Moreira, Maria Cristina; Cordeiro, José Manuel Lopes e Cerdeira, Jorge (2024). Strategies for Portuguese Canned Sardines in the U.S. Market between the Great Wars". *Ler História*, n.º 84, pp. 243-262.

Parejo-Moruno, Francisco; Branco, Amélia; Rangel-Preciado, José F.; Cruz-Hidalgo, Esteban (2020) "¿Protegieron Salazar y Franco sus industrias corcheras? Aranceles y política aduanera en España y Portugal, 1930-1975". *Ler História*, 76, pp. 103-126.

Pires, Leonardo Aboim (2020). "Estado, cultura de mercado e regulação de interesses: o condicionamento industrial e o sector agroalimentar em Portugal, 1937-1974". *Ler História*, 76, pp. 127-152.

Revista da empresa SECIL n.º 7 - Julho 2010 *VALORIZAR - 80 Anos Secil Uma Homenagem ao Passado, a Olhar Sobre o Futuro*,

Rosas, Fernando (1996). *O Estado Novo Nos Anos Trinta 1928-1938*. Lisboa: Editora Estampa.

Telo, António (2000). *A Neutralidade Portuguesa e o Ouro Nazi*. Lisboa: Quetzal.

.

Anexos

Tabela das empresas, fábricas, marcas, produzidas em Setúbal, entre 1939 e 1945, durante a Segunda Guerra Mundial (organizadas por ordem alfabética).[102]

Estas eram as fábricas de conserva que existiram em Setúbal durante a Segunda Guerra Mundial. Durante os 140 anos de existência da indústria conserveira em Setúbal, funcionaram no total 420 fábricas, muitas das quais só funcionaram apenas um reduzido número de anos, para além de não haver muita informação sobre as mesmas.

Firma	**Fábrica**	**Morada**	**Início**	**Fim**	**Marcas produzidas**
Adão Polónia & C.ª, Lda.	Não existe informação disponível sobre o seu nome	Estrada da Graça, n.º 208.	1942	1965	Classic; Fameuse; Invencível; Popular
Alberto Soares Ribeiro, Lda.	Gizela	Estrada da Rasca, nº20	1911	1981	Alsori; Baisers du Portugal; Beautiful; Gizela ; Gold Coin ; Honesty Pays; La Portenã ; Les Argonauts ; My One ; The Argonauts ; 137
Algarve Exportador, Lda.	Não existe informação disponível sobre o seu nome	Rua dos Trabalhadores do Mar, nº 2	1927	1971	Al – Garbh; Cine; Coral; Flora; Nice; Nicette; Royal; Tríade
Alves, Mendanha & Cª, Lda.	Aurora	Rua Oriental do Mercado	1912	1967	Alves &Fragoso , Lili ; Madelaine; Palmira
António Henrique Costa (sucessor de Costa, Rosa & C.º)	Rosária	Rua General Gomes Freire	1918	1939	Beauté; Eglantina Costa; Rosária

[102] Lopes, José Manuel Madureira; Pereira, Alberto Manuel de Sousa (2015). *A Indústria das Conservas de Peixe em Setúbal*. Setúbal: Editora Estuário, pp. 296-314 (investigadas pelos autores).

Firma	Fábrica	Morada	Início	Fim	Marcas produzidas
Araújo & Bastos, Lda.	Lutadora	Estrada da Graça, nº 250	1932	1949	Bayard; Fabíola; Gattuso; Hors d`Oeuvre; Maître d` Hotel; Savoy; 85
Benzinho, Lda.	S. João	Bairro Alves da Silva	1925	1945	Antes e Depois; Le Soir; Vitaline Brand
Berthilia, Lda.	Berthilia	Vale de D. Inês (junto à Estrada da Graça)	1927	1939	Não existe informação disponível
Bonifácio Lázaro, Lda.	A Pensativa	Rua da Saúde	1912	1942	Não existe informação disponível
Brandão, Gomes & C.ª	Não existe informação disponível sobre o seu nome	Estrada da Graça, nº 208	1910	1942	Não existe informação disponível
Casimiro & Nascimento, Sucrs., Lda	A Predilecta (Lélé)	Largo António Joaquim Correia, nº2	1923	1950	Amélie; A Predilecta; La Timoniére; Marine; Rex; Rosaline
Claro & Costa	Boaventura	Avenida Luísa Todi, nº28	1925	1941	Bon Repas; Bonne Aventure; Souvenir de Lami;Souvenir du Portugal
Coelhos, Lda.	Latina	Praça da República, nº6	1933	1947	Não existe informação disponível
Companhia das Conservas Pavilhão, Lda.	Pavilhão	Rua Camilo Castelo Branco	1925	1940	Atair; Pavilhão

Conservas António Alonso, Lda.	Não existe informação disponível sobre o seu nome	Rua Almeida Garrett, nº 54	1924	1978	Albatros ; António Alonso ; Hijos ; Ardora ; Arose ; La Corrida ; Lion d` Argent ;Palácio do Oriente ; Palais d`Orient ; Pero Pereiro ; Ripal

Conservas Estrela, Lda.	S. Filipe	Estrada da Rasca, nº16	1935	1984	Au Cournet; Berger: Chic; Dégaustateurs; Dulcinea ; Frères Canaud ; Primar; Supremo
Conservas Rainha do Sado, Lda.	Rainha do Sado	Estrada da Graça (à Pedra Furada)	1931	1941	Brillant; Carlos Viegas; C.R.S; De Tanga; Estrela d` Ouro; Étoile d` Or ; Frederico; Glorietta, Gloriette; Lisboetas; Marina; Pequena Rainha, Petite Reine, Reine du Sado; Soromenho, The Accra Quem; 3 Rosas; 3 Roses
Conservas S. Pedro, Lda.	Não existe informação disponível sobre o seu nome	Estrada da Graça, nº 222	1932	1971	Alhambra; Carmen ; Cavi ; Cavi Fish; Excellence; Flemish; GoldFish; Hichory; Farms; Mare Nostrum; Rose d` Or; R. Morais; R Morais, Tango

Conservas Supremo, Lda.	Não existe informação disponível sobre o seu nome	Rua Alves da Silva, nº2	1937	1969	Supremo
Costa, Rosa & Cª, Sucr.	Rosária	Rua General Gomes Freire	1918	1939	Beauté; Eglantina Costa; Rosária

Empresa Exportadora Lusitânia, Lda.	Não existe informação disponível sobre o seu nome	Estrada da Graça, nº 232	1927	1968	For You; Odeon; Optima; Pacific; Ripaille; Santa Clara; Saora; Seabelle; Tivoli; Tropa
Empresa Industrial de Conservas Poker, Lda.	Toucas	Estrada da Rasca, nº25	1933	1954	Anita; Nanette; Poker; Serrana
Ernest Bliebernicht.	Minhota	Rua da Saúde e Estrada da Graça, nº 282	1923	1965	Alexandre; Charles; Charles-Martel; D` Artagnan ; Erbi; Fernão de Magalhães; Flore; Le Voilier; Magallan; Magrllon
Établissements Frédéric Delory	Delory	Rua dos Trabalhadores do Mar, nº 26	1881	1965	August Gillett; Bodec; Clubs Alpins; Delory; Delory Brand; Delory Saint-Louis; De Poiget; F. Delor; F. Delory-Sardines St. Louis; Lubin; Louis Trefavenne; Oasis; Reinerts; Robert;

					Rolland; Saint-Louis; Sudry
Fábrica de Conservas Estrela, Lda.	Estrela	Estrada da Rasca, nº 16	Não existe informação disponível	1942	Não existe informação disponível

Fábrica Nacional de Conservas, Lda.	Chora	Rua da Saúde , nº 82	1923	1971	Best – Day ; Rachel , Reines de France : Trocadero ; Valfôr
Feu Hermanos, Lda.	Não existe informação disponível sobre o seu nome	Rua da Saúde, nº 82	1933	1971	Blanche Fleur; Breton; La Rose, Manzana; Meteoro; Monastere; Oca; Palito; Palo; Presidente; Queen Mane; Roses de Bretagne, Trio; 63
Forreta & Cª, Lda.	Não existe informação disponível sobre o seu nome	Vale de D.Inês (à Estrada da Graça)	1926	1946	Não existe informação disponível
Francisco Alves & Filhos, Lda	Estrela do Sul	Rua Camilo Castelo Branco, nº 23	1906	1973	Ainda Melhor; Best Cook; Bom Cozinheiro; Camélias de Portugal; Encore Mieux; Estrela do Sul; Fancy; La Chance; La Force; Marca Corona; Maristela; Pêcheurs; Pescatore; Roi des Pêcheurs
Francisco Maria Lino da Silva, Lda.	Diana	Rua Camilo Castelo Branco, nº 114 e Rua	1918	1965	A Portuguesa; Biscaya; F.M. Lino da Silva; La Portugaise;

		General Gomes Freire			La Poupée ; Le Tage; Lina; Lini; Lino; Lino da Silva; Linot ; Linu ; O Píncaro da Perfeição; Santo António

Gandara, Haz, Ràzaro & Cª, Lda.	Dos espanhóis	Estrada da Graça, nº 172	1924	1951	Cedeira; El Legionário; Outid; Petit Rivage; Sans Souci
Jaime Gaivéo Madeira.	Não existe informação disponível sobre o seu nome	Avenida 22 de Dezembro	Não existe informação disponível	1942	Audacity; Belo Levante; Confiante; Devora; El Navegante; El Ruedo; For Ever; Levan Fair, Levante; Mimosa; Pequenino Cozinheiro
J. Antunes Fragoso, Lda.[103]	**Regina**	**Rua da Saúde , nº 92**	**1912**	**1995 (uma das últimas fábricas conserveiras a fechar em Setúbal**	**Alma Brand; Balila; Carminha; Natália; Natália-Balila;Nataline; Natalile- Balila; Nataline (com rosas); Nataline (sem rosas); Pasqualine; Rapaz; Regina**
João Cardoso da Silva.	Não existe informação disponível sobre o seu nome	Largo Dr. Francisco Soveral	Não existe informação disponível	1942	Não existe informação disponível

[103] A informação desta fábrica está a negrito, por motivos pessoais e familiares. Esta foi a fábrica onde trabalhou a minha tia-avó Prudenciana Esteves, irmã do meu avô paterno.

João da Cruz Gargalo.	Leão	Travessa da Fábrica Aurora, nº1	1919	1971	Dahila; Eunice; Manolita; Perle de l` Ocean; Princesita; Restaurant

José Antunes Fragoso.	Não existe informação disponível sobre o seu nome	Rua do Barão do Rio Zêzere	Não existe informação disponível	1942	Não existe informação disponível
José Maria Vaqueiro.	Não existe informação disponível sobre o seu nome	Rua Garcia Peres, nº 15	Não existe informação disponível	1942	Navy ; Vaqueiro
J.Silva & Ledo, Lda.	Sport	Parque das Escolas (atual Largo José Afonso)	1916	1945	Berry ; Bocage; Luize Koefelec ; Silledo; Victória Foot-Ball Club
Latina, Coelhos, Lda.	Não existe informação disponível sobre o seu nome	Fontainhas e Rua dos Trabalhadores do Mar, nº 18	Não existe informação disponível	1942	Arrabide; Branc` Annes; Latina, Les Eclaireus, Les Joyeuses; Lumuière
Lopes da Cruz, & Cª, Lda	Oceano	Rua Guilherme Gomes Fernandes e Rua Oriental do mercado, nº 22	1933	1971	A.B.C; Conservadores; Corbeille; Corbelha; De Tomaz; Dominga; Douro; Edith; Galgo; Ganso; Gávea; Heliades; L.C; Luar; Luzas; Marão; Músico; Neiva; Oceanides; Orquídeas; Poker; Sesta; Siesta; Tic Tac; Veiga; Viramar

Lopez Valeras, Lda.	Bela Vista	Rua Camilo Castelo Branco , nº 3	1919	1966	Artes; Bela Vista; Maruxa; Pearls; Pepiño;

					Pérolas;Queen; Selection;Traineira; Valência; Valeras
Luís Branco, Lda.	A Tentadora	Avenida Luísa Todi, nº 1(31	1913	1978	Bela Capri; Bull-Dog; Cést ça Qu` est Chic !; Désiré; Flore Amie; Laika; La Tentatrice; Romana
Manuel dos Santos Ferreira, Lda.	A Peixeira	Vale de D. Inês (junto à Estrada da Graça)	1927	1965	Excelente ; Fidelité ; Peixeira
Mariano, Lopes & Cª, Lda.	União	Fontainhas e Rua dos Trabalhadores do Mar, nº 18	1905	1971	Arrabide; Branc`Annes; La Latine; Les Eclaireurs; Les Six Amis; Les Joyeuses; Lumière; Marilopes
Mariz & Henriques, Lda.	Aliança	Rua Guilherme Gomes Fernandes e Estrada da Rasca	1916	1942	Não existe informação disponível

Marques, Neves & Cª, Lda.	1º de março	Rua Camilo Castelo Branco, nº 65	1921	1984	Aero; Croix d`Or; Cruz d` Ouro; Continent; Lealdade, Levant; Loyanté; Mariolinde; Marques Mendes; Mathilde; Miss Univers; Neca; Pere; Regil; So Mar, Soo; Sporting; St. Croix; Water Lillies; Yor
Matias Perienes, Lda.	A Productora	Beco João Galvão, nº 3	1920	1971	Berthe; Bertheir

Nova Sociedade de Conservas Alimentícias La Bretagne, Lda.	Saúde	Estrada da Rasca	1915	1939	Não existe informação disponível
P. Monteiro & Cª, Lda.	Não existe informação disponível sobre o seu nome	Rua da Cordoaria, nº 17	1906	1953	Aldabert; Bayard; Dolphin; Ilka; Matelot; Mont-Joie; Night and Day; PM; Triton
Ramirez & Filhos, Lda.	Não existe informação disponível sobre o seu nome	Rua da Saúde , nº88	1931	1965	Balito; Cocagne; Fredo; Gabriel Brand; Les Sublimes; Lovely; Non Plus Ultra; Racol; Ramira; Ramirez; Renommé

Ramos, Reynaud & Cª, Lda.	Não existe informação disponível sobre o seu nome	Rua Guilherme Gomes Fernandes	1892	1942	Laurinda; Ramos; Reynaud; Robison Crusoé
Santarém & Palhão, Lda.	S. Miguel	Rua da Saúde, nº 98	1892	1970	Denizot; Denizot– Figurativa; Le Chaperon Rouge; Laurelle; Laurelle-Figurativa; Palhon; Palhon – Figurativo; Setúbal
Santos , Gomes, Gamito & Cª, Lda.	Arrábida	Rua dos Trabalhadores do Mar e Rua Mártires da Pátria	1921	1953	Combative; Eremita; Goutez ; Sado; Sangamito; Santé
Sebastião José	Não existe informação disponível	Avenida Luísa Todi, nº 394	Não existe informação disponível	1942	Alegria; Deux Amis; La Cigogne; La

Machado Júnior.	sobre o seu nome				Pêcheur; Ls Aieuls
Silvas, Lda.	Não existe informação disponível sobre o seu nome	Praça da República, nº 12	1924	1964	Não existe informação disponível

Silvas, Coelhos, Lda.	Unida	Rua General Gomes Freire, nº 87	1917	1965	Arrabide ; La Latine ; Lumière ; Silvas ; Coelhos
Sociedade de Conservas "A Conservadora" , Lda.	Janelas Verdes	Bairro Alves da Silva, Travessa da Rasca e, a partir de 1935, no Largo das Areias	1918	1960	Babel; Conservadora; Dois Garotos; Hollywood; Locas; Nantes; Reborda; S.C.C; Selecta; Socos
Sociedade de Conservas "Atlas", Lda.	Atlas	Rua Acácio Barradas, nº 20	1919	1988	Atlas ; Benfica; Eva; La Semeuse Portugaise; Les Guetteurs; Lion de L` Atlas; Sardo; Scala; Véronique; Vrai Lion
Sociedade de Conservas "Sado", Lda.	Aljubarrota	Rua José Fontana	1923	1942	Não existe informação disponível
Sociedade de Conservas "S.Pedro", Lda.	S.Pedro	Vila Maria	1918	1965	Não existe informação disponível

Sociéte Anoyme des Établissements Arsène "Saupiquet".	Saupiquet	Estrada da Rasca, nº 21 e Doca Delpeut	1904	1987	August Gillett; Bernot; Cesar; Lamote & Cª; Saint-Louis; Saupiquet; Vinet & Cª; Zakouka

Soromenhos & Victor, Lda.	A Colonial	Rua da Saúde, nº 82	1929	1952	A Colonial ; Contesse ; Duchesse ; Edelweisse ;Fisherboy ; Le Croissant ; Marquise
Soromenhos & Victor, Lda.	Eva	Rua da Saúde, nº 83	1929	1952	A Colonial ; Contesse; Duchesse; Edelweisse ;Fisherboy ; Le Croissant; Marquise
Tenório & Madeira, Lda.	Progresso	Rua Oriental do Mercado, nº 4	1923	1966	Batalha; Sintra; Jockey; Notre Dame de Paris
União Industrial de Conservas, Lda.	Julieta	Rua António José Baptista, nº 1222	1920	1974	Expansion ; Le Meilleure ; Lanche ; Lunch ; Marie Amélie ; Sardo

Veiga, Lda.	Todi	Avenida Luísa Todi, nº 149	1923	1963	Ala; Aristocrat; As Aristocráticas; Bel Paese; Belo País; Delmarís; Dubar; Estoril; F Le Breton; Gardénia; Insuperabile; Kano; Leon More; Les Aristocrates; Luísa Todi; Nelly; Paramount; Veiga Limitada
Viegas, Dias & Cª, Lda.	Luctadora	Estrada da Graça (junto ás Fontainhas)	1914	1942	Bayard; Fabiola; Hors d`Oeuvre; L` Alpin
Viegas, Dias & Cª, Lda.	S. José	Vale de D. Inês (junto á Estrada da Graça)	1936	1940	Não existe informação disponível

Viegas & Lopes, Lda.	Victória	Rua Camilo Castelo Branco n,º 10	1931	1992	Adonis; Agerona; Cardoso; Canzonetta; El Dragón; Giannina; Il Pinguino; Mara; Miss Atlantic; Orlando; Regina; Sciatore; Surprise; Vénus; Viegas & Lopes